



PROJETO PEDAGÓGICO

2026

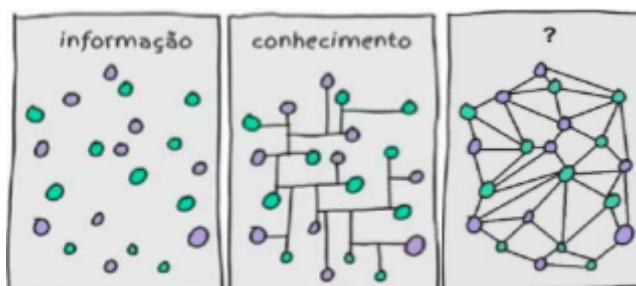
“Ninguém ignora tudo; ninguém sabe tudo. Por isso, aprendemos sempre.”

Paulo Freire

**Av. Cel. Armando Rubens Storino, nº 2660
Jd. Paraíso, Pouso Alegre, MG**

MENSAGEM DA DIREÇÃO

Essa imagem, aparentemente simples, pode nos levar longe numa reflexão sobre ensino e aprendizagem e o modelo de escola atual – que de atual tem muito pouco. Vamos pensar nos avanços tecnológicos dos últimos 100 anos e como afetaram nossas vidas: comunicação, transporte, medicina, eletrodomésticos, etc. E a escola? Apesar de tudo, muito pouco mudou. Salas de aulas com alunos agrupados por faixa etária, professores, carteiras, lousa (verde, preta, branca ou digital – mas sempre com a mesma função), grades horárias com aulas de 50 minutos para dar conta de currículos segmentados, divididos em disciplinas que não se relacionam.



Até meados do século passado, a informação ainda era de difícil acesso e o professor muito valorizado por ser o detentor de um conhecimento específico. O papel da escola era informar. Os professores usavam métodos transmissivos para ensinar o conteúdo almejado, usando e abusando de técnicas de repetição e memorização. Contudo, hoje a informação está ao alcance dos dedos de qualquer aluno: basta “dar um google” para conseguir a informação que quiser. Neste contexto, o formato de aula expositiva torna-se um meio ineficiente de ensinar e aprender (Khan, 2013). É urgente, portanto, “buscar uma escola do conhecimento e abandonar um ensino meramente transmissivo, fomentar a organização do acesso à informação e a aprendizagem do uso do conhecimento” (José Pacheco – idealizador da Escola da Ponte em Portugal).¹

Voltando à imagem, o conhecimento já é um estágio mais avançado em que o aluno conecta informações adquiridas em diversos contextos. E o que está além do conhecimento? O que representa o terceiro quadro nesta imagem? Eu substituiria o ponto de interrogação por “compreensão”. Quando compreendemos algo – seja uma habilidade ou um tema/assunto – sabemos explicar usando evidências e exemplos, generalizar, fazer analogias e aplicar este conhecimento em diversos contextos. Adquirir conhecimento é relativamente simples, aplicá-lo de maneira relevante em novos contextos é o desafio. Ou seja, mais importante do que o conhecimento em si, é ensinar aos alunos o que fazer com ele: como pensar crítica e criativamente, analisar, avaliar, formular suas opiniões, saber expressá-las e até modificá-las ao serem apresentados a novas informações.

A primeira mudança de paradigma é entender que quem está no centro do processo de aprendizagem é o aluno. É preciso ter claro que ensinar e aprender são processos interdependentes, ou seja, um professor não pode dizer que ensinou e o aluno não aprendeu. O desafio é enorme para os professores, que passam de “fornecedores de aulas” para “mediadores de aprendizagem”. O professor é agente importantíssimo e cabe a ele criar

¹ <https://porvir.org/para-inovar-e-preciso-professor-abra-cabeca-diz-jose-pacheco/>

condições e oportunidades que ajudem os alunos a adquirirem novos conhecimentos e aplicá-los em diversos contextos para, enfim, compreendê-los.

Muitos autores, professores e amantes da educação vêm, há tempos, questionando o modelo tradicional de escola e buscando novas alternativas para reformular o sistema educacional. A pandemia que todos vivenciamos entre os anos de 2020 e 2021 trouxe essa necessidade de forma inegável e contundente. A meu ver, não há fórmulas ou respostas prontas, mas há, sim, muitas experiências bem-sucedidas nas quais podemos nos inspirar.

Com esse propósito, pesquisei e visitei diversas escolas inspiradas especialmente em Reggio Emilia e na Escola da Ponte, dois modelos pelos quais tenho particular afinidade. Encontrei, então, a Escola da Serra Belo Horizonte, uma escola que traduz em sua prática toda a beleza da teoria presente nos documentos normativos que regulamentam a educação brasileira. Uma escola em constante (trans)formação que me apresentou a oportunidade de trazer para Pouso Alegre um modelo inovador já validado e reconhecido não só por seus alunos, famílias, educadores, colaboradores, como também pelo MEC.

Assim, em 2021 firmamos uma sólida parceria e abrimos a escola contemplando apenas a Educação Infantil. Em 2022, abrimos o berçário e os anos iniciais do Ensino Fundamental. Em 2025, com muito orgulho, entramos no nosso quinto ano de existência e com a abertura dos anos finais do Ensino Fundamental.

Mariana Ferraz Boschi
Diretora da Escola da Serra Pouso Alegre

Apresentação

Projeto Pedagógico, por definição, é muito mais que um documento. É um exercício permanente de reflexão sobre a prática escolar, através de múltiplos olhares de professores, pessoal de apoio, alunos e pais, que leva a escola a um aperfeiçoamento contínuo de sua proposta e de sua ação pedagógica. Uma vez sistematizadas e incorporadas as novas aprendizagens e conquistas, esse documento revitalizado passa a orientar a condução dos trabalhos escolares.

Projeto Pedagógico é, portanto, práxis, é compromisso com a própria essência do ato de educar: a crença de que as pessoas e as instituições podem evoluir por meio da ação humana transformadora, de que a forma de pensarmos o mundo e de atuarmos sobre ele pode se aperfeiçoar, de que a vida e o planeta, por consequência, sempre têm a possibilidade de um devenir melhor.

Assim, beneficiando-se da dedicação, conhecimentos e sensibilidade de um enorme número de pessoas, desde 2004 este belo e singular projeto educacional que a tantos encanta vem-se aperfeiçoando através de uma busca constante e democrática – jamais democratista! – de novas formas de fazer educação. Este é o nosso sonho, que se traduz em uma proposta nada convencional: uma escola em que não há uniformes, nem carteiras, nem séries, nem etapas, nem turmas, nem notas, nem aulas... mas, até mesmo por ter-se libertado dessas convenções e formalismos, uma escola onde os alunos estudam intensamente, convivem de forma afetuosa e colaborativa, ampliam a sensibilidade, a criatividade e o autoconhecimento, vivenciam a democracia. E, em decorrência da forma como se organizam as atividades diárias, desenvolvem a iniciativa, a independência, a capacidade de planejamento, a habilidade de pesquisa, a autorresponsabilidade, a solidariedade e a autonomia. Um projeto pedagógico com clara identidade ideológica, comprometido com o bem-estar, a autoconfiança e a competência do aluno para a superação dos desafios próprios de cada idade e voltado para a formação de pessoas capazes de construir um mundo de fraternidade e justiça.

Sérgio Godinho Oliveira
Diretor da Escola da Serra Belo Horizonte

UMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	5
REALIDADE.....	6
1. A INSTITUIÇÃO.....	6
2. A CIDADE.....	6
3. O ENTORNO.....	7
4. O ESPAÇO.....	7
CONCEPÇÃO.....	8
5. PREMISSAS.....	8
6. REFERÊNCIAS E FINALIDADE.....	9
7. VALORES.....	9
8. FUNDAMENTOS.....	10
8.1 O CONSTRUTIVISMO COMO FUNDAMENTO EPISTEMOLÓGICO.....	10
8.2 A VALORIZAÇÃO DA DIVERSIDADE COMO FUNDAMENTO IDEOLÓGICO.....	12
8.3 A ÉTICA NO COTIDIANO COMO FUNDAMENTO FILOSÓFICO.....	14
8.4 A VIVÊNCIA DA DEMOCRACIA COMO FUNDAMENTO POLÍTICO.....	15
9. CICLOS: ESTRATÉGIA DE ORGANIZAÇÃO DO TEMPO ESCOLAR.....	16
10. ÁREAS DE CONHECIMENTO: ESTRATÉGIA DE ORGANIZAÇÃO CURRICULAR.....	18
11. O ESPAÇO COMO ELEMENTO EDUCATIVO.....	19
12. PERFIL DOS PROFISSIONAIS DA ESCOLA DA SERRA POUSO ALEGRE.....	21

13. A COMUNIDADE ESCOLAR.....	25
AÇÃO.....	27
14. A PRÁTICA PEDAGÓGICA.....	27
15. O ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS.....	37
16. AVALIAÇÃO E REGISTRO DE DESENVOLVIMENTO DO ALUNO - O RDA.....	38
17. A EDUCAÇÃO INFANTIL.....	41
18. O ENSINO FUNDAMENTAL.....	45
18.1 - 1º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL (6 a 8-9 anos).....	47
19. O EXERCÍCIO DA AUTORIDADE.....	49
20. O COTIDIANO ESCOLAR.....	51
21. PLANO DE AUTOAVALIAÇÃO INSTITUCIONAL.....	54
BIBLIOGRAFIA.....	55

INTRODUÇÃO

Este documento tem por objetivo reunir e explicitar os princípios norteadores da Escola da Serra Pouso Alegre e os fundamentos que balizam sua ação pedagógica, de forma a garantir que a comunidade escolar deles se aproprie e que todas as áreas e segmentos desta instituição de ensino atuem em coerência com as mesmas diretrizes filosóficas, pedagógicas e administrativas.

Por ser um instrumento de gestão democrática, será objeto de permanente reflexão coletiva no que se refere aos princípios e valores que fundamentam a prática da Escola; à sua estrutura organizacional e instâncias de decisão; às relações entre a comunidade escolar; à organização dos espaços e dos tempos escolares; às normas, processos e rotinas; às formas de representação dos alunos; aos conteúdos curriculares; à ação pedagógica; aos procedimentos didáticos; às estratégias de avaliação; às atividades culturais. As reflexões, aprendizagens e avanços realizados ao longo de um ano são incorporadas para o seguinte, uma vez aprovados pela Direção, instância responsável pela manutenção da coerência e consistência deste Projeto Pedagógico.

REALIDADE

1. A INSTITUIÇÃO

A Escola da Serra Pouso Alegre é uma instituição de ensino laica e particular, com sede na Av. Cel. Armando Rubens Storino, nº 2660, Bairro Jd. Paraíso, em Pouso Alegre, Minas Gerais. A Escola da Serra Pouso Alegre oferece Educação Infantil e Ensino Fundamental, e está registrada sob a razão social EDS-PA Projetos Educacionais LTDA, CNPJ 35.700.408/0001-50.

A Escola da Serra Pouso Alegre faz parte da Rede de Escolas da Serra e iniciou suas operações no ano de 2021 atendendo apenas quatro anos da Educação Infantil (de 2 a 5 anos). A partir de 2022, passamos a oferecer também o berçário (bebês de 1 ano) e os anos iniciais do Ensino Fundamental. Em 2025, iniciamos o atendimento os anos finais do Ensino Fundamental. A rede foi criada pela própria Escola da Serra de Belo Horizonte - MG, que desde o ano 2004 funciona com um conceito educacional inovador e foi reconhecida pelo MEC como “referência em inovação e criatividade” no ano 2016.

As autorizações de funcionamento atualizadas da Escola da Serra Pouso Alegre foram concedidas através dos seguintes atos:

I- Educação Infantil: Portaria 09/2023 de 29 de dezembro de 2023.

II - Ensino Fundamental: SEE-MG, Portaria nº783/2021.

2. A CIDADE

Pouso Alegre - Minas Gerais - MG

Gentílico: pouso-alegrense

O distrito de Pouso Alegre, antigo Arraial do Bom Jesus de Matozinhos do Mandu, foi criado por alvará em 06/11/1810, elevado à condição de vila em 07/05/1832 e à condição de cidade em 19/10/1848.²

Pouso Alegre está localizada na Região Sudeste, no estado de Minas Gerais e fica às margens da rodovia Fernão Dias, a 396 km de Belo Horizonte.³

-+

.+*****

O município tem área territorial de 542.797 km² e uma população estimada em 152.212, segundo Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) publicado em 2022 do Diário Oficial da União.⁴

De acordo com a Sinopse Estatística da Educação básica de 2020, a cidade conta com 62 estabelecimentos de educação infantil, sendo 33 privados, e 44 do Ensino Fundamental Anos

² IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/pouso-alegre/historico>

³ Google. Disponível em: <https://www.google.com/maps/dir/37550-000/30110-002>

⁴ IBGE. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/pouso-alegre.html>

como função primordial promover os mais variados tipos de relações – entre os alunos; entre alunos e adultos; entre famílias e a escola; entre o espaço interno e o externo; visando criar um ambiente amistoso, onde alunos famílias e colaboradores sintam-se confortáveis.

A Escola da Serra Pouso Alegre conta com os seguintes ambientes:

- Recepção;
- Hall de entrada;
- Almojarifado;
- Sala da Secretaria Escolar e área Administrativo-financeira;
- Sala de Atendimento e Reuniões
- Sala dos Colaboradores;
- Sala de planejamento;
- Sala de referência do 1º ciclo da Educação Infantil;
- Sala de referência do 2º ciclo da Educação Infantil;
- Sala de referência para o primeiro ciclo do Ensino Fundamental;
- Sala de referência para o segundo e terceiro ciclos do Ensino Fundamental;
- Cozinha;
- Refeitório;
- Espaço multiuso (biblioteca, exposições e palco);
- Ateliê de arte;
- 2 banheiros infantis adaptados (com trocador e chuveiro);
- 1 banheiro infantil para crianças com deficiência;
- 2 banheiros para alunos do Ensino Fundamental (anos iniciais);
- 1 banheiro adulto com chuveiro;
- 1 banheiro adulto para pessoas com deficiência;
- 1 banheiro na área externa;
- Área externa coberta;
- Área livre de cerca de 3.000 m² gramada (recreio descoberto);
- Depósito de material de limpeza;
- Sala para equipamentos TI;
- Estacionamento com capacidade para 15 carros.

Todos os espaços são mobiliados e equipados com itens apropriados para proporcionar segurança e acolhimento dos alunos, familiares e colaboradores.

CONCEPÇÃO

5. PREMISSAS

A Escola da Serra Pouso Alegre assume e explicita seu compromisso de cumprir e fazer cumprir os Princípios e Fins da Educação Nacional, bem como os objetivos da Educação Infantil e do Ensino Fundamental conforme expressos na Constituição da República Federativa do Brasil, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, na Base Nacional Comum Curricular, nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, para o Ensino Fundamental, para a Educação Básica, para a Educação Especial e para a Educação das Relações Étnico-Raciais. Nos comprometemos também a atender às demais normas aplicáveis, vigentes e supervenientes,

de níveis federal, estadual e municipal, em especial o Estatuto da Criança e do Adolescente.

São pressupostos da proposta pedagógica da Escola da Serra:

- Busca permanente da essência do ato de educar;
- Coerência entre visão de mundo, valores e prática cotidiana;
- Compreensão do aluno como um ser singular e de múltiplas dimensões;
- Relações de confiança, respeito e afeto que se refletem no ambiente escolar;
- Aprendizagem significativa, alegre, instigante, rica e transformadora;
- Foco na aprendizagem (não no ensino) e no desenvolvimento da autonomia;
- Exigência elevada, possibilitando que o aluno desenvolva todo o seu potencial.

6. REFERÊNCIAS E FINALIDADE

O conceito educacional desenvolvido pela Escola da Serra Belo Horizonte e, portanto, referência para todas as unidades de sua rede de escolas, que inclui a Escola da Serra Pouso Alegre, possui marcantes influências de Jean Piaget, Vigotsky, Antón Makarenko, Célestin Freinet, John Dewey, A.S. Neil, Paulo Freire, Darcy Ribeiro, Rubem Alves e José Pacheco, dentre outros. Constituem, ainda, referências significativas a experiência da Escola Plural em Belo Horizonte na década de 1990, a Escola da Ponte, em Portugal, o sistema educacional finlandês, a Educação Relacional do Colégio Fontán, na Colômbia.

O Projeto Pedagógico da Escola da Serra é orientado para o pleno desenvolvimento da personalidade humana, pretendendo contribuir para formar pessoas éticas e autônomas, capazes de pensar e agir como seres históricos conscientes do seu papel no processo de transformação de si mesmos e do mundo e que reconheçam para os outros a mesma esfera de dignidade e autonomia que exigem para si. Especificamente, são nossas finalidades:

- Contribuir para o desabrochar e o desenvolvimento dos potenciais dos alunos;
- Possibilitar que os alunos se apropriem do legado de conhecimento produzido pela humanidade;
- Levar o aluno a assumir o protagonismo do seu processo de aprendizagem e a desenvolver autonomia moral e intelectual;
- Ampliar os horizontes dos alunos desvelando a diversidade e complexidade do real por meio de experiências instigantes;
- Empoderar os alunos para uma inserção social consciente, ética e transformadora.

7. VALORES

Explicitar os valores abraçados pela Escola significa comprometer-se com um esforço permanente para que toda a comunidade escolar desenvolva e introjete atitudes cada vez mais coerentes com eles. Norteamos o dia a dia escolar pelos valores a seguir:

- **Respeito:** polidez; consideração com o outro, com o planeta e consigo mesmo; zelo pelo bem comum;

- **Solidariedade:** sensibilidade, empatia, cooperação
- **Simplicidade:** foco no essencial; desprendimento
- **Adaptabilidade:** consciência de impermanência; noção de processo; tolerância ao erro e à frustração
- **Internalidade:** autorresponsabilidade; capacidade de assumir as consequências das próprias escolhas e ações
- **Dialogicidade:** escuta; busca de conciliação; consciência da multiplicidade de perspectivas e concepções
- **Comprometimento:** autoexigência, determinação, organização, planejamento, cumprimento de metas
- **Ousadia:** percepção do novo como oportunidade; disposição para arriscar-se com consciência

Na introjeção desses valores participam todos os elementos da comunidade escolar, pois as relações e o ambiente são aspectos importantes do contexto educativo. E a família que abraça esses valores e cobra do filho atitudes coerentes com eles contribui para que sejam internalizados.

8. FUNDAMENTOS

Com vista no alcance dessas finalidades, nosso Projeto Pedagógico assenta-se sobre quatro pilares fundamentais:

- Epistemológico: Construtivismo sociointeracionista;
- Ideológico: Valorização da singularidade e da diversidade;
- Filosófico: Ética na prática cotidiana;
- Político: Vivência da democracia.

8.1 O CONSTRUTIVISMO COMO FUNDAMENTO EPISTEMOLÓGICO

Estudar não é um ato de consumir ideias, mas de criá-las e recriá-las.

Paulo Freire

Historicamente, a estrela principal das propostas pedagógicas tem sido o “programa”, compreendido como um elenco pré-definido de pretensas verdades a serem *transmitidas* ao aluno, a quem cabe reproduzi-las o mais fielmente possível nas avaliações. Assim, o objetivo da educação nas escolas convencionais consiste, essencialmente, na reprodução e manutenção do *status quo* em detrimento do questionamento e da inovação.

As premissas, os objetivos e a prática pedagógica da Escola da Serra Pouso Alegre, bem como de todas as escolas da Rede de Escolas da Serra, são radicalmente distintos. Guiamo-nos pela epistemologia formulada por Jean Piaget, incorporando contribuições de Vigotsky, Emília Ferreiro, Constance Kamii, César Coll, Ives de La Talle e outros autores, o que nos leva a entender que cada indivíduo é sujeito e autor de seu próprio conhecimento. Segundo essa concepção, cada indivíduo interpreta o real à sua maneira, constituindo um modo próprio de compreender o mundo. Essa construção, no entanto, não é solitária: faz-se no convívio social,

na interação do sujeito com objetos, outros indivíduos e as diversas produções culturais. Desenvolvimento cognitivo diz respeito, portanto, à evolução global do indivíduo, não apenas ao crescimento intelectual.

Todo esse processo desenvolve-se segundo um mecanismo natural, comum a todos os indivíduos, a que Piaget chama “equilibração”. As estruturas cognitivas que se organizam no sujeito são desestabilizadas cada vez que se mostram insuficientes para explicar determinada situação, fato ou problema com o qual o sujeito se depara (assimilação), o que gera um desequilíbrio na interação sujeito/objeto. Uma vez desequilibrado o sujeito, coloca-se em marcha um processo de busca de reordenação dessas estruturas que conduz, eventualmente, à restauração do equilíbrio em um patamar de conhecimento cognitivamente mais complexo (reequilibração majorante). A produção de conhecimento ocorre, assim, através de um processo de múltiplas desequilibrações e reequilibrações, que é único para cada ser humano. Naturalmente, este mecanismo aplica-se a toda aprendizagem significativa (diferente da simples memorização) alcançada por uma pessoa em qualquer ambiente e tempo, dentro e fora da escola. Reforçando: cada sujeito é autor do seu próprio conhecimento, e o constrói de maneira singular.

Por consequência, uma escola “construtivista” é uma instituição que, partindo desse pressuposto, estrutura seu ambiente, estratégias e relações de forma a potencializar a ocorrência de processos de construção do conhecimento pelos alunos. Essa escola poderá também dizer-se “sócio interacionista” se incorporar as proposições de Vigotsky, valorizando as relações e o ambiente como motores do processo educativo e levando em conta que a possibilidade de aprendizagem de um sujeito é delimitada pelo espaço entre aquilo que ele já domina e aquilo que consegue alcançar com a ajuda de outro (zona de desenvolvimento proximal – ZDP).

Tudo isso determina um olhar completamente novo sobre a aprendizagem e define os diferenciais da Escola da Serra Pouso Alegre: um ambiente de descontração e informalidade, onde imperam relações baseadas na confiança mútua e a democracia é um exercício permanente; em vez de transmissão de conteúdos prontos e sem significado (o que coloca o aluno no lugar de receptor, de objeto), buscamos explicitar o *sentido* do que está sendo estudado, incentivar a pesquisa e a autoria do conhecimento pelo próprio educando, assumindo o aluno o lugar de *sujeito ativo*; o foco da ação pedagógica é colocado na *aprendizagem*, não no ensino, levando-se em conta o jeito de ser e de aprender de cada um. Outro, também, é o papel do educador em sua relação com o aluno: em vez de autoridade que sabe e ensina a quem não sabe, ele passa a ser um instigador, orientador e parceiro do aluno na *(re)produção*⁷ de conhecimento, em um processo de aprendizagem dual – e não unidirecional. Em síntese, entendemos que a educação se faz por meio das *relações* tecidas na comunidade escolar, do *ambiente* (que reflete essas relações), do *significado* do que deve ser aprendido e do *protagonismo* do aluno em seu processo de aprendizagem.

⁷ “Produção”, na perspectiva do aluno; socialmente, porém, ocorre uma reconstrução de conhecimento já desenvolvido.

8.2 A VALORIZAÇÃO DA DIVERSIDADE COMO FUNDAMENTO IDEOLÓGICO

Ser humano é ser igual; ser gente é ser diferente.

(autor desconhecido)

Historicamente, o ser humano tem-se mostrado intolerante com a diferença, gerando diversos processos de exclusão: por etnia, raça, gênero, condição social, convicção política, religião, orientação sexual, condições físicas ou mentais. Estamos, atualmente, vivendo uma fase em que um grande esforço é realizado para que nossa sociedade aprenda a ser inclusiva, o que significa não só acolher, mas valorizar a diferença pelo que ela potencializa para o coletivo.

A diversidade de experiências humanas é riqueza a ser reconhecida, e a singularidade de cada ser humano valor a ser cultivado e fortalecido. Ao conscientizar-se de ser único, o sujeito compreenderá o outro como diferente de si e com o direito de sê-lo. Abre-se, dessa forma, o caminho para o acolhimento do outro em sua diferença, para o estabelecimento de relações igualitárias e para a negociação como meio de solução de conflitos. Fortalece-se o caminho da paz.

A Escola da Serra Pouso Alegre é uma escola regular que, coerentemente com seu posicionamento ideológico e filosófico, procura “ser a mudança que queremos para o mundo”, como conclamou Mahatma Ghandi: exaltamos as diferenças e combatemos toda e qualquer forma de preconceito, discriminação e exclusão, adotando uma postura antirracista e anticapacitista; em todos os segmentos, acolhemos crianças e jovens com deficiência ou com altas habilidades, buscando promover, de forma responsável, o seu sucesso educativo e social; e, apesar de sermos uma instituição privada, esforçamo-nos em propiciar a convivência de alunos de diferentes níveis socioeconômicos, assim também evitando a elitização da Escola.

Nesse aspecto, há muito para aprender, mas já não somos inexperientes. Temos estudado, recebido especialistas e pesquisado continuamente. Acolhemos todos os alunos em suas singularidades, mas com um olhar muito específico para alunos com deficiência e suas famílias – procurando, também, com eles aprender. Nosso propósito é não apenas avançar no atendimento educacional a todos os alunos, mas também buscar a conscientização da comunidade escolar de que uma escola “normal” é a que espelha a composição da sociedade na qual está inserida – composição essa sempre plena de diversidade!

Reconhecemos o direito de toda e qualquer criança e jovem à educação em uma escola regular e entendemos que é justamente a oportunidade de conviver em uma comunidade heterogênea que promove respostas evolutivas tão evidentes em nossos alunos com deficiência: em um ambiente onde impera a diversidade, a singularidade de cada um compõe a normalidade do todo. E é também a convivência em um ambiente diverso que propiciará a construção de relações de respeito, acolhimento e valorização das individualidades. Todos ganham! Por outro lado, é forçoso reconhecer que uma inclusão responsável coloca inúmeras novas demandas para a instituição e a tensiona financeiramente. Esse esforço deve ser compartilhado igualmente por todas as instituições de ensino, cada uma assumindo um

número de crianças e jovens com deficiência percentualmente condizente com a composição da nossa sociedade⁸. Todavia, não é isso que vem ocorrendo, o que coloca uma sobrecarga desproporcional sobre aquelas escolas que valorizam a inclusão e procuram fazer o seu melhor. Isso precisa mudar!

O processo de admissão de novos alunos com deficiência na Escola da Serra Pouso Alegre será pautado na razoabilidade e na sustentabilidade, levando em conta os limites da instituição de forma a não comprometer a oferta de uma educação em sua plenitude para todos os alunos. Nós os receberemos com alegria, entusiasmo e muita vontade de contribuir para seu crescimento, acolhendo-os e proporcionando um processo de formação pertinente, realizando a adequação das práticas pedagógicas e do processo avaliativo conforme as necessidades constatadas, além de disponibilizar profissionais para o acompanhamento dos alunos que os requeiram. Naturalmente, é responsabilidade da família e do Estado a garantia do acompanhamento profissional especializado externo que favoreça a complementação da aprendizagem para além dos espaços escolares.

A distribuição de alunos com deficiência nos ambientes de aprendizagem será planejada de forma a assegurar o desenvolvimento de todos os alunos, de acordo com os seguintes critérios:

I. O número total de alunos por ciclo deverá respeitar as normas constantes no Regimento Escolar, considerando a qualidade do acompanhamento individualizado pelo educador, para melhor desenvolvimento dos educandos;

II. Ressalvados os casos em que possa haver legislação específica em relação à distribuição e agrupamento de alunos com síndromes específicas, caberá à equipe pedagógica, com o apoio da Mediadora Escolar, estabelecer a proporção de alunos com deficiência por ciclo/salão, considerando o contexto da Escola, inclusive o número de acompanhantes adultos que estarão presentes no ambiente de aprendizagem, de forma a evitar interferência excessiva ou indevida, assim resguardando o interesse de todos os alunos.

Estamos cientes das nossas obrigações perante o Estatuto da Pessoa com Deficiência (Lei 13.146 de 06 de julho de 2015), mas temos limites reais de ordem estrutural, espacial, de pessoal, pedagógicos e financeiros. Para conseguirmos praticar uma inclusão responsável e assegurar a qualidade do trabalho pedagógico para todos os nossos alunos, é importante explicitar e assumir nossas reais possibilidades.

Consideramos, ainda, que as famílias que possuem filhos com deficiência devem ser as primeiras a superar, em seu seio, toda e qualquer concepção discriminatória e a manifestar, inequivocamente, sua crença de que a convivência entre pessoas diferentes é o melhor caminho para todas as crianças e jovens. Ao matricular todos os filhos na mesma escola – nesta

⁸ Segundo Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD): Pessoas com Deficiência 2022, publicada em 07/07/2023, as pessoas com deficiência constituem 8,9% da população nacional e 8,2% da população da região sudeste.

Escola! – a família demonstra coerência com a proposta de educação inclusiva e fortalece a instituição que a pratica.

8.3 A ÉTICA NO COTIDIANO COMO FUNDAMENTO FILOSÓFICO

A preocupação ética é a preocupação pelo que acontece com o outro e pelo efeito de nossas ações. Se eu me preocupo com as consequências de minhas ações sobre o outro, quer dizer que tenho uma preocupação ética.

Humberto Maturana

Ética (do grego *ethos*, caráter) é a opção de colocar-se, em palavra e ato, a favor da vida e da dignidade de todos os seres humanos, reconhecendo o outro como igual e detentor de direitos iguais. Assim, ter uma postura ética significa adotar, deliberadamente, atitudes construtivas em todas as circunstâncias e levar o outro em consideração em todas as ações.

No nosso entendimento, ética não é um conceito abstrato, distante da realidade do sujeito comum, mas uma questão do dia a dia. Ser ético é ter consciência de que nossas ações normalmente impactam o outro, e de que não temos o direito de levar a cabo determinado ato se ele acarretar prejuízo a alguém. “Antiético é todo ato que desconsidera o outro”, diz Terezinha Rios. Ser ético é, portanto, uma escolha, uma decisão pessoal, um compromisso da pessoa com ela mesma, com a sua consciência – e exige esforço! É escolher agir com consideração pelo outro independentemente de quem seja esse outro (ou esses outros), de estar sendo observado ou não, de estar só ou acompanhado. É tão simples quanto, por exemplo, abaixar-me e recolher do chão o papel que caiu para fora do cesto devido à minha má pontaria. O que poderia justificar que fosse outra pessoa a recolhê-lo?

O conceito de ética é frequentemente confundido com moral (do latim *mores*, costumes), e é importante fazer a distinção. Moral diz respeito à tradição, às prescrições sociais de conduta, às concepções de certo e errado prevalentes em um grupo em um determinado contexto, que são gradualmente internalizadas e naturalizadas pelos membros desse grupo. A moral, portanto, difere entre grupos e muda com o tempo, podendo acontecer, inclusive, um conflito entre os valores éticos de uma pessoa e os valores morais da sua família ou do seu grupo social. Moral diz respeito, portanto, à influência externa sobre o indivíduo; já a ética refere-se à decisão interna do sujeito de atuar de forma positiva e solidária no meio externo.

Entendemos que a Escola tem o dever de contribuir para que seus alunos abracem valores éticos ligados à defesa dos direitos humanos, à busca da justiça, da paz e da fraternidade, ao cuidado pelo bem comum, em especial o nosso planeta, e para que esses valores éticos sirvam como balizas para suas ambições⁹.

⁹ Inspirado em texto de Steven Kanitz, *Ambição e Ética*, publicado na revista *Veja*, edição 1684, de 24/01/2001.

8.4 A VIVÊNCIA DA DEMOCRACIA COMO FUNDAMENTO POLÍTICO

A capacidade do homem para a justiça faz a democracia possível, mas a inclinação do homem para a injustiça faz a democracia necessária.

Reinhold Niebuhr

Por entendermos a escola como uma instituição social, reconhecemos seu papel como *locus* de encontro de indivíduos com concepções de mundo e culturas diferentes. Assim sendo, há que se criar um ambiente para que, nesse encontro, as diferenças possam ser explicitadas e vividas de maneira respeitosa, possibilitando as trocas e o crescimento de todos aqueles que participam desta comunidade.

Para Piaget, o “ser social” é aquele capaz de relacionar-se com seus semelhantes de maneira equilibrada. Ele distingue dois tipos de relação social: a coação e a cooperação. Coação seria qualquer relação de dois ou mais indivíduos em que haja a intervenção de um elemento de autoridade ou de prestígio desequilibrando a relação. Nesse caso, não há reciprocidade, não há troca de pontos de vista, há um “assujeitar-se”. Já as relações de cooperação têm como marca a discussão, a troca de pontos de vista e a busca de compreensão da fala do outro. Representam o mais alto nível de socialização e de desenvolvimento. Enquanto o primeiro tipo de relação favorece a permanência de crenças e dogmas, embotando o desenvolvimento e impossibilitando a emancipação intelectual e afetiva, o segundo tipo possibilita interpretar o mundo e construir a autonomia. É necessário frisar que o exercício legítimo da autoridade, não caracteriza coação; pelo contrário, faz parte e possibilita o processo de aprender a relacionar-se cooperativamente.

O construtivismo, portanto, trata o social e suas influências sob a perspectiva da ética: ser coercitivo ou cooperativo depende de uma atitude pessoal. O sujeito precisa querer ser cooperativo. É nesse sentido que compreendemos que as contribuições de Piaget e Vygotsky dizem respeito a uma postura ética e política, da qual a liberdade, a diversidade, a igualdade e a democracia são as marcas que viabilizam a cooperação.

A autonomia intelectual é fruto dos poderes da razão que substitui crenças pela demonstração. A autonomia moral é também fruto da razão que, ao dogma, opõe a justificação racional. O ‘herói’ piagetiano é, portanto, aquele que pode dizer ‘não’ quando o resto da sociedade, possível refém das tradições, diz ‘sim’, contanto que este ‘não’ seja fruto desta ‘demarche’ [diligência] intelectual ativa e não apenas decorrência de um ingênuo espírito de contradição.

Yves de La Taille

Paulo Freire, em “Pedagogia do Oprimido”, caracteriza a escola que buscamos:

A concepção e a prática ‘bancárias’, imobilistas, ‘fixistas’, terminam por desconhecer os homens como seres históricos, enquanto a problematizadora parte exatamente do caráter histórico e da historicidade dos homens. Por isto mesmo é que os

reconhece como seres que estão sendo, como seres inacabados, inconclusos, em e com uma realidade que, sendo histórica também, é igualmente inacabada. Na verdade, diferentemente dos outros animais, que são apenas inacabados mas não são históricos, os homens se sabem inacabados. Têm a consciência da sua inconclusão. Aí se encontram as raízes da educação mesma como manifestação exclusivamente humana; isto é, na inconclusão dos homens e na consciência que dela têm. Daí que seja a educação um que-fazer permanente. Permanente na razão da inconclusão dos homens e do devenir da realidade.

O homem, assim, nunca está pronto, deve sempre “estar sendo”. No entanto, a consciência da incompletude é algo que deve ser construído nas interações sociais cotidianas, inclusive na escola.

Essas são nossas crenças: acreditamos na mudança, na evolução e no papel transformador do homem, por isso estimulamos uma posição crítica em relação à sociedade em que vivemos; acreditamos na liberdade de expressão, em todas as suas formas — artística, literária, científica, crítica, política — e estimulamos as trocas entre os indivíduos; acreditamos em processos e discussões, não em verdades absolutas, daí a prática diuturna e permanente da escuta do outro, da construção coletiva, do exercício da democracia; acreditamos que o novo é promessa, por isso ousamos experimentar, mudar, inovar, aceitando eventuais erros como oportunidades de aprendizagem, buscando superá-los de forma transparente e dialogada; acreditamos que o ser humano é, ao mesmo tempo, absolutamente igual em sua essência e absolutamente singular em sua identidade, por isso respeitamos, acolhemos e valorizamos as diferenças, sejam elas étnicas, religiosas, pessoais ou sociais, rejeitando qualquer tipo de intolerância, racismo, xenofobia, preconceito ou discriminação; nossos alunos sempre têm vez e voz, mas, por outro lado, aprendem a respeitar o direito de quem está ao seu lado, conscientizando-se de que a convivência social impõe limites ao espaço pessoal; compreendemos que nossa maior função é formar, sem proselitismo, cidadãos éticos, políticos, criadores de cultura, que se percebam inconclusos – pessoas que, nas palavras de Guimarães Rosa, “ainda não foram terminadas, mas que vão sempre mudando”; e entendemos que educar é um ato profunda e essencialmente político.

A Escola da Serra Pouso Alegre percebe-se, também, como corresponsável pelo enriquecimento da comunidade e como espaço de reflexão sobre questões políticas e sociais, despertando seus alunos para a ação transformadora. Nesse sentido, a Escola não apenas se abre à participação da comunidade em seus eventos educacionais, culturais e recreativos, como também se dispõe a assumir, dentro de suas possibilidades, ações de interesse social.

9. CICLOS: ESTRATÉGIA DE ORGANIZAÇÃO DO TEMPO ESCOLAR

Imagine por um instante que você está visitando um viveiro de plantas e encontra um jovem funcionário lutando contra uma roseira. Ele está tentando forçar as pétalas das rosas a se abrirem. Você lhe pergunta o que ele está fazendo, e ele explica: “meu chefe quer que todas as rosas floresçam esta semana, então,

na semana passada, eu cortei todas as precoces e, hoje, estou abrindo as atrasadas.

The Natural Child Project - EUA

O conhecimento do mundo pelos alunos não acontece somente através das relações escolares; a escola, no entanto, é um lugar privilegiado para isso. Coerentemente com a compreensão de que o desenvolvimento das estruturas cognitivas se dá de forma não linear, em vez de séries anuais, adotamos, assim como acontece na Escola da Serra Belo Horizonte, Ciclos de Formação de dois ou três anos, com progressão continuada dentro do ciclo.

A organização do ensino em ciclos de formação decorre do reconhecimento de que os seres humanos são diferentes entre si e que não se desenvolvem no mesmo tempo, da mesma maneira, na mesma sequência, de um jeito “programado”. A construção do conhecimento se dá segundo mecanismos internos comuns para todos os sujeitos, mas não através das mesmas estratégias nem no mesmo ritmo. Coerentemente com a epistemologia construtivista e com os valores democráticos, a organização em ciclos permite contemplar essas diferenças garantindo um período contínuo de trabalho ao longo do qual o aluno desenvolve as competências de cada área de acordo com seu ritmo. É como se fosse um ano ampliado, um período estendido que viabiliza o estudo, pelos alunos, dos conteúdos de cada área do conhecimento em tempos e níveis diferenciados, assim como diferenciados somos todos. O ciclo, portanto, permite que seja levada em conta a singularidade de cada indivíduo, viabilizando diferentes enturmações para atender demandas do trabalho pedagógico.

Esse ano foi, também, o momento de planejar uma mudança estrutural na organização dos tempos escolares para atender às definições da Resolução CEE 496/23. Com isso, a partir de 2026, o Ensino Fundamental da Escola da Serra passará a constituir-se do Ciclo de Transição, com duração de 1 ano, e quatro outros ciclos com duração de 2 anos cada um.

A **Educação Infantil** é organizada em dois ciclos de formação: o **Primeiro Ciclo** constitui-se de crianças de 2 e 3 anos. O número referência de capacidade é 18 alunos (com 1 professor e 1 auxiliar) ou 24 alunos (com 2 professores e 1 auxiliar). O **Segundo Ciclo** compõe-se de crianças de 4 e 5 anos. O número referência de capacidade é 20 alunos (com 1 professor e 1 auxiliar) ou 28 alunos (com 2 professores e 1 auxiliar).

O **Ensino Fundamental** é estruturado em cinco Ciclos de Formação.

Entendemos que as crianças que estão vindo da Educação Infantil necessitam passar por uma fase de adaptação ao Ensino Fundamental. Assim, o 1º ano é o único ciclo de apenas um ano e essa turma é denominada de **Ciclo de Transição**, para crianças de 6 anos, com foco em alfabetização e introjeção de comportamentos e atitudes favorecedoras da convivência e produtividade grupal. O número referência de capacidade do Ciclo de Transição é de 12 alunos. O **Primeiro Ciclo**, para o grupo etário de 7 e 8 anos, representa o fim da infância e o número de referência é de 24 alunos. O **Segundo Ciclo**, de 9 e 10 anos, corresponde à pré-adolescência, e o número referência de capacidade é de 24 alunos; o **Terceiro Ciclo**, de 11 e 12 anos, corresponde ao início da adolescência, e o número referência de capacidade é de 24 alunos; e

o **Quarto Ciclo**, já corresponde à adolescência (13 e 14 anos), e o número de referência é de 24 alunos.

Pelo próprio conceito de número *referência*, a quantidade efetiva de alunos por turma/ciclo poderá comportar ligeira variação para mais ou para menos. De forma similar, as idades mencionadas são meras referências para a entrada em cada ciclo, sendo natural alguma variação.

A organização do tempo escolar por Ciclos de Formação com progressão continuada dentro do ciclo permite contemplar as diferenças entre os alunos, garantindo um período contínuo de trabalho ao longo do qual o aluno desenvolve os objetivos de aprendizagem de acordo com seu ritmo. Com duração média de dois anos a partir do Ensino Fundamental (considerando que os alunos têm ritmos diferentes, e é natural que alguns necessitem de mais ou menos tempo!), um ciclo é como se fosse um ano estendido, um período ampliado que viabiliza o domínio, pelos alunos, dos conteúdos de cada área do conhecimento em tempos e níveis diferenciados, levando em conta a singularidade de cada indivíduo. Justamente por isso, a organização por ciclos também viabiliza diferentes agrupamentos para atividades especializadas segundo critérios coerentes com as características de cada atividade e de cada um dos alunos. Agrupar os alunos pelo ano do ciclo em que estão matriculados seria um retorno à seriação, por isso, esse critério não é permitido, salvo algum caso muito específico e devidamente justificado.

A diferença entre ciclo e série não é, portanto, apenas semântica, mas define concepções distintas de educação. E tanto são distintas que, no caso de transferência para outro estabelecimento de ensino antes de encerrado o ciclo, o documento de transferência do aluno não indicará a série/ano no qual deverá ser matriculado, mas recomendará à nova escola uma avaliação específica para definir sua classificação.

10. ÁREAS DE CONHECIMENTO: ESTRATÉGIA DE ORGANIZAÇÃO CURRICULAR

O amanhã pertence às pessoas que se preparam para hoje.

Malcom X

Na vida real, o conhecimento não se encontra compartimentado como parecem sugerir as especializações profissionais e as disciplinas escolares. Uma árvore não é somente “biologia”, mas também química, física, geografia... Os currículos escolares, no entanto, continuam a fragmentar o conhecimento em matérias estanques, fazendo com que a aprendizagem se torne pulverizada e carente de sentido. Além disso, o número excessivo de disciplinas torna a tarefa do aluno um grande desafio logístico que é, por vezes, redundante, já que temas se repetem em diferentes matérias, apesar de serem estudados como se um nada tivesse a ver com o outro. Por exemplo, estuda-se energia em química, em biologia e em física em estágios diferentes do programa e como fatos específicos de cada matéria, impedindo que o aluno compreenda que o conceito é o mesmo, apenas em roupagens diferentes. Os evidentes prejuízos resultantes desta fragmentação do conhecimento são preocupações hoje centrais em

educação, e a forma como foi estruturada a Base Nacional Comum Curricular – BNCC indica a busca de alternativas mais sensatas.

Ressalvando-se a Educação Infantil, que tem organização singular, o currículo do Ensino Fundamental Na Escola da Serra Pouso Alegre – assim como já acontece na sede da Escola da Serra Belo Horizonte – a organização do currículo por áreas do conhecimento, em vez de disciplinas estanques, constitui estratégia eficaz para minimizar esse problema, vinculando conteúdos tradicionalmente ministrados em distintas matérias em um todo coerente e sinérgico, trazendo a interdisciplinaridade para o dia a dia escolar. Essa organização também propicia que o ensino em cada Área de Conhecimento tenha coerência vertical, ou seja, assegura um caráter orgânico e cumulativo da aprendizagem ao longo dos ciclos.

São seis as Áreas de Conhecimento em que se estrutura o currículo da Escola da Serra Pouso Alegre:

Arte: articula as modalidades Teatro, Dança, Música e Artes Visuais;

Linguagens: cobre Língua Portuguesa e línguas estrangeiras;

Ciências Humanas e Sociais: constitui componente curricular único, englobando História, Geografia, Sociologia, Antropologia, Filosofia;

Ciências da Natureza: constitui um único componente curricular englobando Biologia, Física e Química;

Matemática: é em si uma área de conhecimento que abrange os diversos segmentos da matemática: aritmética, geometria, álgebra, estatística;

Corpo e Mente: articula Educação Física, Capoeira e Yoga;

Evidentemente, não se pretende negar a identidade de nenhuma disciplina, mas sim propiciar um tratamento mais globalizante, inter ou transdisciplinar do conhecimento humano, oferecendo ao aluno a oportunidade de perceber a complexidade dos fenômenos e sua intrincada rede de relações e, assim, desenvolver um olhar mais inteligente e sofisticado sobre a realidade. Se pensarmos bem, algumas disciplinas clássicas que nos acostumamos a considerar como um corpo único de conhecimento são, na verdade, aglomerados de conhecimentos bastante distintos. A Biologia, por exemplo, engloba anatomia, fisiologia, botânica, zoologia, entomologia; a Física compreende mecânica, eletricidade, termodinâmica, ótica... Assim, na Rede de Escolas da Serra, ampliamos a abrangência das áreas de estudos correlatos.

11. O ESPAÇO COMO ELEMENTO EDUCATIVO

A atividade criadora da imaginação se encontra em relação direta com a riqueza e a variedade da experiência acumulada pelo homem, porque esta experiência é o material com que ele ergue os edifícios da fantasia.

Lev Vigotsky

Reconhecer os jovens e as crianças como sujeitos ativos do processo de aprendizagem é também compreender que sua trajetória de desenvolvimento físico, emocional, social e intelectual é elemento central para se pensar o espaço escolar. O potencial político-pedagógico do espaço físico se estende para todos os ambientes e atividades, estimulando, no cotidiano, a prática dos pressupostos da educação promovida pela Escola da Serra Pouso Alegre. Por isso, o ambiente escolar precisa ser estimulante, aberto à apropriação individual e coletiva, estar em constante aperfeiçoamento, valorizando em suas soluções espaciais o desejo de construir relações de respeito, confiança e colaboração.

Dez princípios guiam a adequação do nosso espaço:

- **Humanidade:** uma escola é feita de relações, de gente, por isso o espaço deve ser acolhedor, acolhedor e ter identidade própria;
- **Socialização:** um dos principais objetivos de uma escola é promover encontros, portanto seu espaço deve facilitar o convívio e a interação entre os alunos e desses com outras pessoas;
- **Expansão:** o ambiente escolar deve possibilitar que os jovens e, principalmente, as crianças possam dar vazão a suas energias, brincando, pulando, correndo, sentindo-se livres e à vontade para se expressarem corporalmente;
- **Simplicidade:** o espaço escolar deve também refletir este que é um dos grandes valores abraçados pela Escola da Serra Pouso Alegre. Em vez de sofisticação e excesso, buscamos valorizar a simplicidade, a essência, a suficiência. Curiosamente, essa posição assegura mais espaço para a criatividade dos alunos;
- **Naturalidade:** em vez de concreto e plástico recobrimo tudo, procuramos oferecer uma diversidade de texturas para enriquecer as experiências sensoriais dos alunos, além de aproveitar as possibilidades naturais do ambiente para usos alternativos;
- **Arte:** muros, paredes, colunas, pisos constituem substratos para intervenções artísticas dos nossos alunos, o que faz com que a Escola da Serra Pouso Alegre esteja sempre inundada em arte e permanentemente renovada.
- **Verde:** árvores plantadas pelos alunos, horta, e um extenso gramado compõem uma escola onde a vivência da natureza é prática do dia a dia;
- **Estética:** na mistura de formas, cores, texturas, luz e sombra está sempre presente a busca da beleza, leveza, da alegria e da sutileza.
- **Desafios:** em cada brinquedo ou intervenção no espaço, um convite para que a criança ouse, coloque-se a prova, aproxime-se dos seus limites e conheça-se melhor. Subir, pendurar-se, balançar, equilibrar-se, escalar são oportunidades – cada vez mais raras para crianças no meio urbano – que a Escola da Serra faz questão de proporcionar;

- **Multifuncionalidade:** os ambientes devem ter múltiplas possibilidades de utilização, assegurando aos educadores e alunos uma ampla gama de escolhas.

12. PERFIL DOS PROFISSIONAIS DA ESCOLA DA SERRA POUSO ALEGRE

Nunca me foi possível separar em dois momentos o ensino dos conteúdos da formação ética dos educandos. A prática docente que não há sem a discente é uma prática inteira. O ensino dos conteúdos implica o testemunho ético do professor (...) o saber da impossibilidade de desunir o ensino dos conteúdos da formação ética dos educandos. De separar prática da teoria, autoridade de liberdade, ignorância de saber, respeito ao professor de respeito aos alunos. Ensinar e aprender (...). Mas este, repito, não é saber de que apenas devo falar com palavras que o vento leva. É saber, pelo contrário, que devo viver concretamente com os educandos.

Paulo Freire

Acreditamos que nossos objetivos educacionais serão garantidos, principalmente, a partir dos profissionais que atuarão na Escola, sejam eles professores ou pessoal de apoio, pois como já dito, são as relações e o ambiente que educam. Todos os colaboradores, independentemente da função, são constituintes de uma comunidade educativa, conseqüentemente todos exercem o papel de educadores em suas relações com os alunos. Assim, além das competências profissionais específicas, o ambiente escolar requer o saber relacionar-se de forma ética, respeitosa, cordial e colaborativa com todos, a capacidade de escuta sem prejulgamentos e o equilíbrio no exercício da autoridade.

Tranquilidade, bom humor, alegria, entusiasmo favorecem a construção de um ambiente agradável, acolhedor e respeitoso, coerente com os valores da Escola. Para isso, é fundamental que as pessoas se relacionem umas com as outras com base na ética, na confiança, no respeito mútuo, na colaboração, na verdade e na transparência. O diálogo franco e sereno (falar “com”, e não falar “de”) deve ser sempre o meio de superação de eventuais – e naturais – conflitos. A tolerância deve guiar a apreciação que fazemos do outro, principalmente quando, a nosso ver, ele erra. A cordialidade no trato com colegas, alunos e pais deve sempre prevalecer.

Não basta para o profissional da Escola da Serra Pouso Alegre conhecer bem os conceitos de sua área de especialização. Para atuar, de fato, como educador, é necessário que conheça detalhadamente o Projeto Pedagógico e que suas concepções pessoais sejam com ele coerentes; que demonstre capacidade de trabalho em equipe e estabeleça uma relação de parceria com todos os departamentos; que seja proativo, correndo atrás e fazendo acontecer, em vez de adotar a lógica da queixa, da lamúria, da responsabilização do outro; que seja zeloso com o ambiente da Escola, contribuindo com pequenos gestos (manter os espaços limpos e organizados, evitar acumular objetos em cima de estantes, etc.) para o bem-estar de todos; que saiba usar a língua portuguesa corretamente; que seja capaz de perceber cada aluno como um indivíduo singular e de trabalhar de acordo com suas necessidades e anseios, zelando pelo seu desempenho; que tenha consciência da autoridade inerente e necessária a sua função e saiba exercê-la de forma legítima, equilibrada e eficaz; que se perceba também responsável pela evolução atitudinal do aluno, a começar do zelo pelo ambiente escolar e pelo respeito aos

direitos coletivos; que assuma como sua responsabilidade permanente prestar esclarecimentos sobre nossos diferenciais e falar com justo orgulho sobre o que somos, o que fazemos, o que conquistamos, assim transmitindo segurança aos nossos alunos e suas famílias; e que invista continuamente no seu próprio aperfeiçoamento profissional e humano.

No caso específico dos professores, é sua obrigação elementar conhecer os seguintes documentos normatizadores: LDB, Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica, Diretrizes Curriculares Nacionais para cada segmento (Educação Infantil e Ensino Fundamental), Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Especial, Diretrizes Curriculares Nacionais para as Relações Étnico-Raciais, Estatuto da Criança e do Adolescente e BNCC. Todos eles estão disponíveis no site do Conselho Nacional de Educação: www.mec.gov.br/cne.

Pode-se dizer que o perfil do docente da Escola da Serra deve contemplar seis diferentes aspectos. O primeiro deles refere-se à **consciência de que o educador, assim como o educando, é alguém em permanente processo de aprendizagem**. Deve ter disposição interior de superar-se continuamente, pesquisando, frequentando cursos, palestras e eventos, refletindo sobre sua prática cotidiana e aproveitando as relações com colegas de trabalho e alunos para aperfeiçoar sua compreensão do significado da educação, do seu papel, dos meios e recursos que utiliza. É fundamental que o educador seja aberto ao diálogo e reflita sobre as críticas que são feitas a seu trabalho por qualquer membro da comunidade escolar, dispondo-se a repensar sua prática e avaliar continuamente o seu desempenho profissional. É essencial que cultive uma procura ativa do conhecimento da atualidade nacional e internacional, bem como das principais produções culturais e artísticas. Citando Guimarães Rosa uma vez mais, “mestre é quem, de repente, aprende”.

O segundo aspecto diz respeito ao seu **comprometimento com o aluno e com a sua aprendizagem**. Isto se dá pelo esmero na preparação de roteiros e atividades ricas e instigantes; pela agilidade, sensibilidade e precisão nas orientações ao aluno; pelo alto nível de exigência, balizado pelo bom senso, que leva o aluno ao máximo do seu potencial. O domínio das teorias de aprendizagem e de psicologia do desenvolvimento permitirá ao educador compreender melhor seus alunos, identificar as dificuldades que encontram na aprendizagem de novos conceitos, buscar meios e modos mais eficazes de promover mudanças conceituais e proporcionar contatos mais estimulantes com o conhecimento. Este aspecto torna-se ainda mais contundente quando se trata de alunos com necessidades educacionais especiais, que merecem um planejamento específico que leve em consideração a sua problemática, mas principalmente, suas possibilidades.

O terceiro ponto é o **conhecimento dos processos cognitivos dos alunos, dos saberes, das estratégias e recursos didáticos da área em que leciona e a capacidade de aplicar, no cotidiano, os conhecimentos teóricos sobre educação**. Sabemos que, quando a criança chega à escola, ela já tem diversos significados atribuídos ao mundo, a que chamamos “concepções prévias”. Uma das funções primeiras do educador é a de mediar o processo de mudanças cognitivas buscando aproximar as concepções prévias dos alunos dos conhecimentos

socialmente construídos. Em todos os segmentos, portanto, o professor deve realizar a avaliação diagnóstica inicial, tomando os resultados dessa avaliação como critério básico de seleção e de sequenciação dos conceitos, procedimentos e valores que constituirão os conteúdos a serem trabalhados.

O quarto aspecto a ser considerado é sua **compreensão da avaliação como um processo contínuo, não um fim, nem, muito menos, uma finalidade**. A avaliação é parte natural do processo de aprendizagem, devendo consistir em recursos e estratégias diversificados que possibilitem ao educador e ao aluno comprovar a realização de aprendizagens significativas, ou seja, aquelas que transformam o sujeito, passando a incorporar sua bagagem pessoal. Não é demais frisar que essas aprendizagens podem ser de caráter conceitual, procedimental ou atitudinal e que o conhecimento aprofundado e sensível das necessidades, potencialidades e limitações do aluno permitirá ao educador levá-lo à superação de insucessos pela personalização de sua intervenção pedagógica.

Em quinto lugar, o professor precisa **instilar permanentemente nos alunos a compreensão do significado de ser aluno**, que implica em: *prontidão* para fazer valer cada minuto dedicado à escola, evitando a perda de tempo no início ou durante as atividades; *comprometimento com a tarefa* designada, uma vez que o significado que alguém pode encontrar em determinado assunto é proporcional ao seu grau de envolvimento com ele; *autoexigência*, que se mostra no propósito de fazer sempre o melhor possível e resulta no sentimento de orgulho pelo bem feito, imunizando contra a mediocridade; *organização*, elemento condicionante da produtividade e da criatividade; *equilíbrio no desenvolvimento das diversas “inteligências”*¹⁰, para um domínio adequado das inúmeras capacidades humanas.

Sexto, é imprescindível que o educador tenha a **capacidade de se enxergar responsável pela formação global do aluno**, não apenas por sua matéria específica. O aluno está em processo de aprendizagem de *ser pessoa*. De que vale formar um indivíduo tecnicamente capaz se sua ética é questionável ou se ele carrega um sentimento de menos valia e impotência? Autoconsciência, autoestima, autodisciplina, noção de limites, respeito pelo outro e pelo ambiente, urbanidade, autonomia são conteúdos tão ou mais importantes que os específicos de cada área. São conteúdos que o aluno não nasce sabendo, que têm de ser construídos ao longo da vida – e o professor deve ser capaz de ajudá-lo também nessa trajetória, ensinando-o seja o que for que ainda não tenha aprendido: valores, boas maneiras, cortesia, relacionamento, disciplina, ética...

E há que ser paciente, persistir e confiar, pois hábitos não se formam ou mudam com apenas uma intervenção. É neste ponto que o professor, por sua coerência e sua dignidade que muitas vezes marcam para sempre a vida do aluno, ao invés de mero prático da docência torna-se, verdadeiramente, educador.

¹⁰ O psicólogo americano Howard Gardner, em sua Teoria das Inteligências Múltiplas, de 1995, redefiniu o conceito de inteligência como “a capacidade para resolver problemas ou elaborar produtos que sejam valorizados em um ou mais ambientes culturais ou comunitários”. A princípio, entendeu que seriam sete as diferentes inteligências: lógico-matemática, linguística, musical, corporal-cinestésica, espacial, interpessoal, intrapessoal; posteriormente, incluiu três outras: naturalística, pictórica, existencial.

Como consequência da organização do trabalho por ciclos de formação, a maioria dos professores da Escola da Serra Pouso Alegre desempenhará também o papel de **Tutor**, sendo responsáveis pelo acompanhamento pessoal de um número reduzido de alunos, com o objetivo de:

- Ensinar o aluno a honrar a palavra dada e os compromissos assumidos, cobrando intransigentemente respeito aos prazos acordados; incentivando o aluno a ser autoexigente, desenvolvendo o gosto por realizar trabalhos com profundidade, qualidade e cuidado estético;
- Garantir que o aluno desenvolva hábitos eficazes de estudo (destaques, sínteses, resenhas etc.);
- Levar o aluno a desenvolver hábitos adequados de organização, priorização de tarefas e administração do tempo (inclusive, horas necessárias de sono);
- Assegurar que o aluno conduza adequadamente o seu plano de estudos, orientando-o na superação de pendências;
- Compartilhar, com os demais professores do aluno, informações pertinentes;
- Atender à família do aluno, informando sobre sua evolução escolar, propondo medidas e alertando sobre situações de risco.

Em suma, e especificamente, o educador da Escola da Serra Pouso Alegre deve ser alguém que:

- Conheça profundamente o projeto pedagógico da Escola e nele perceba-se coautor e executor, comprometendo-se com a Escola como um todo;
- Tenha consciência do seu papel de educador e busque, na educação, caminhos de autorrealização e crescimento pessoal;
- Considere-se sempre em formação, assumindo a própria capacitação permanente e continuada como obrigação ética profissional;
- Trabalhe na perspectiva da valorização da diversidade, compreendendo a necessidade de diferenciar objetivos, atividades e avaliações;
- Saiba perceber as necessidades reais do processo educacional e tenha clareza da importância da transposição didática (adaptação do conhecimento científico para o nível de complexidade adequado ao aluno e aos objetivos escolares);
- Saiba desafiar e provocar, apresentando mais perguntas que respostas, e perceba que o erro evidencia a forma de pensar do aluno, constituindo parte natural do processo de aprendizagem;
- Seja capaz de exercer a autoridade eficaz e legitimamente, seja partidário do diálogo e da escuta, seja coerente e capaz de obter a confiança do aluno e de gerir adequadamente o grupo;
- Seja dinâmico, criativo, autônomo, proativo, ousado e aberto ao novo, mas ao mesmo tempo, tenha noção de processo e encare eventuais falhas e problemas com positividade;
- Seja crítico e argumentativo, mas tenha boa escuta e saiba trabalhar em grupo, sendo capaz de interferir construtivamente em situações de conflito do cotidiano;
- Tenha autoestima elevada, humildade, flexibilidade, alegria e trabalhe com emoção e prazer, mantendo absoluta coerência entre seu discurso, sua postura e sua prática;

- Tenha consciência de seus direitos e deveres, seja organizado, compreenda e atenda, nos prazos estipulados, as exigências administrativas da escola.

De forma a proporcionar o avanço contínuo da nossa prática pedagógica através da troca de experiências e construção de consensos, quinzenalmente serão asseguradas duas horas de reunião para todos os colaboradores, que podem ser organizados por departamentos, ciclo, por área de conhecimento, por interesses gerais ou de formação, visando proporcionar a colaboração de todos para o avanço da Escola da Serra Pouso Alegre. Adicionalmente, os professores regentes terão 30 minutos de reunião individual ou em dupla, no caso das turmas com dupla regência, para discussão de casos específicos e planejamento.

Um projeto capaz de encantar e envolver uma equipe de profissionais comprometidos e participativos é a melhor garantia de um ambiente de trabalho positivo onde o funcionário se percebe respeitado e valorizado, em que as relações se fundam na confiança mútua, na transparência, na polidez e no bom senso, em que os inevitáveis conflitos são tratados por meio do diálogo e da negociação. Nesse ambiente, cada um sente-se livre para estudar, debater, aprender, experimentar, errar, refletir e aprender de novo, em um processo de permanente evolução – essência e condição de uma verdadeira *práxis* pedagógica.

13. A COMUNIDADE ESCOLAR

Todas as crianças transportam o peso da sociedade que os adultos lhes legam, mas fazendo-o com a leveza da renovação e o sentido de que tudo é de novo possível.

Manuel Jacinto Sarmiento

Toda generalização peca por inexata, no entanto buscamos delinear, em pinceladas bem largas, uma identidade genérica dos diversos segmentos que vão compor a comunidade da Escola da Serra Pouso Alegre.

Pode-se dizer que as famílias que procuram e se identificam com a Escola da Serra Pouso Alegre são pessoas que acreditam na possibilidade de uma alternativa eficaz à escola convencional. Buscam uma educação humanista, crítica e significativa, voltada para a formação de jovens com opinião própria, autônomos, que cultivem valores baseados na solidariedade e no bem coletivo. Compreendem que o objetivo da educação não deve se limitar ao desenvolvimento de competência intelectual. Desejam para seus filhos uma escolarização sem sofrimento, que propicie, a cada um, a descoberta e o desenvolvimento de seus potenciais. Querem ver suas crianças felizes *hoje*, sendo tratadas como indivíduos singulares, não como números. O valor atribuído ao Projeto Pedagógico da Escola da Serra Pouso Alegre e a opção consciente por ele levarão algumas famílias a se disporem a atravessar a cidade ou, mesmo, deslocar-se de municípios vizinhos.

Entre o corpo de **colaboradores** da Escola da Serra Pouso Alegre, cultivamos as relações amistosas, um clima de informalidade e cooperação, em que os eventuais problemas são

conversados e superados com maturidade e respeito mútuo. Ao falarem de sua atuação na Escola, é possível ver o “brilho nos olhos” característico de quem trabalha com alegria por fazer o que acredita, de quem se sente inserido neste projeto como sujeito.

Nossos **alunos**, de forma geral, podem ser caracterizados pela simplicidade, pela capacidade de acolhimento aos novos colegas, pela tranquilidade com que são capazes de conviver na diversidade, pela serenidade, alegria e espontaneidade, por frequentarem a Escola com visível prazer. No geral, espera-se que desenvolvam grande habilidade de análise e pesquisa, saibam exercer a crítica, gostem de participar, sejam autônomos, criativos e rejeitem estereótipos.

A comunidade da Escola da Serra almeja uma sociedade democrática, justa, inclusiva, humanista, que valorize as diferenças, onde impere a solidariedade, o respeito, a ética, a cooperação, onde a liberdade seja o espaço da expressão criativa e de construção da individualidade. Uma sociedade que zele pelo meio ambiente, cuja produção sirva para o aumento do bem-estar de todos e que rejeite os modismos, estereótipos, a massificação, o consumismo, a ostentação, o supérfluo.

Essa sociedade será construída por cidadãos atuantes, críticos e éticos, sem medo do novo, que terão discernimento para avaliar situações com autonomia e criatividade, balizados pelo senso de justiça e honestidade. Diante de desafios ou situações de adversidade, demonstrarão atitudes de persistência, determinação, inventividade, fidelidade aos seus ideais e responsabilidade com seus compromissos. Terão capacidade de realizarem uma escolha profissional adequada e de serem protagonistas de suas vidas, bem como a competência para concorrer no mercado de trabalho em igualdade de condições com os jovens mais preparados do país.

A educação para formar esse homem deverá assumir que não há verdades absolutas nem finais, mas processos e discussões. As artes devem ser compreendidas como invenção, fruição e feitura, e as tecnologias enquanto ferramentas para a comunicação, produção e aquisição de conhecimento, proporcionando aos alunos oportunidades de contato com diferentes artes e ofícios. Devem ser foco de atenção prioritária da Escola a convivência e a capacidade de trabalho com o outro; a internalização da noção de limites e de propriedade de atitudes e comportamentos; o desenvolvimento do senso de organização e da capacidade de estudo; o aprendizado como construção de competências que viabilizarão o enfrentamento e a superação dos desafios que a vida apresenta – dentre eles, o ingresso no ensino superior.

A construção do conhecimento deve dar-se através de diferentes estratégias, privilegiando-se estudos autônomos orientados e metodologias ativas, de forma que o educando tenha a oportunidade de refletir sobre sua aprendizagem (metacognição) e de tornar-se autor do que aprende. O processo educativo deve ser motivo de entusiasmo e alegria, considerando a formação do ser humano em todos os seus aspectos – cognitivo, físico, estético e transcendente. As artes e as diversas manifestações culturais devem ser conhecidas e valorizadas.

O educador deve gozar de autonomia, dentro das balizas do Projeto Pedagógico, ao mesmo tempo em que deve ser capaz de uma escuta ativa da opinião do aluno. Pais, alunos, professores e o pessoal de apoio devem ser, também, partícipes, cultivando relações de harmonia e cooperação.

Os diferenciais da Escola da Serra Pouso Alegre mais admirados pela comunidade escolar são a proposta pedagógica avançada e construída democraticamente, a qualidade do corpo docente, a avaliação formativa, a valorização da diversidade, a liberdade de expressão, a escuta sensível do aluno e dos seus responsáveis, o espaço físico, a não obrigatoriedade de uso do uniforme.

AÇÃO

14 A PRÁTICA PEDAGÓGICA

A ação pedagógica da Escola da Serra se estrutura em quatro eixos:

- Habilidades de vida como diretrizes formativas transversais
- Autonomia como princípio, meio e fim da ação pedagógica
- Processo de aprendizagem estruturado em seis etapas
- Tutoria como estratégia de acompanhamento do aluno

14.1 HABILIDADES DE VIDA: DIRETRIZES FORMATIVAS TRANSVERSAIS

O fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é a de quem nada tem a ver com ele. Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito da história.

Paulo Freire

Há muito compreende-se que conhecimento enciclopédico não mais atende às exigências do mundo moderno, e uma educação focada apenas no ensino de conteúdos formais descontextualizados já não se sustenta. Diversas organizações internacionais, entre elas a OMS - Organização Mundial da Saúde e a OCDE - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico, preconizam a importância do aprendizado de Competências Socioemocionais – designação alternativa para Habilidades de Vida – como condição para uma vida equilibrada e produtiva. Elas também constituem diretrizes da BNCC, já que estão presentes nas suas 10 competências gerais¹¹.

¹¹ As Competências Gerais propostas pela BNCC são as seguintes (sintetizadas):

- 1- Apropriar-se do conhecimento produzido;
- 2- Desenvolver a competência de pesquisador;
- 3- Valorizar e participar da produção artística e cultural;
- 4- Comunicar-se por meio de múltiplas linguagens;
- 5- Dominar a tecnologia digital;
- 6- Construir um projeto de vida e exercer a cidadania;

Em sintonia com esse entendimento e compreendendo que o desenvolvimento dessas habilidades tem reflexos diretos na evolução do aluno em sua autonomia, definimos um conjunto de Habilidades de Vida relacionadas a seis domínios cujo desenvolvimento é objetivo comum a todas as áreas e ciclos, assumido por todos os educadores em sua prática cotidiana, constituindo Diretrizes Formativas Transversais.

DOMÍNIO	HABILIDADE DE VIDA
Autoconhecimento	Compreender e regular de forma eficaz as próprias emoções, pensamentos e comportamentos; Tomar decisões responsáveis e coerentes com o projeto de vida e com o contexto em que se insere; Aceitar a si mesmo como um ser com qualidades e fragilidades como condição para seu aperfeiçoamento contínuo como pessoa.
Independência e iniciativa	Mostrar proatividade no atendimento a suas necessidades e na busca a resolução de problemas; Demonstrar protagonismo na busca de objetivos pessoais e/ou coletivos.
Autogestão e superação	Saber organizar os pertences, o espaço, o tempo e as prioridades; Elaborar e executar planejamentos de curto, médio e longo prazos; Saber avaliar a si e ao outro, conscientizando-se das próprias estratégias de aprendizagem; Agir com dedicação e esmero, em busca de aperfeiçoamento contínuo.
Empatia e convivência	Respeitar a opinião, o espaço e o direito do outro; Respeitar normas sociais e combinados estabelecidos, contribuindo para a sua concretização; Compreender os espaços, os recursos coletivos e o meio ambiente como bens a serem cuidados por todos.
Colaboração	Disponibilizar-se a ajudar, aceitar ajuda e buscá-la quando necessário; Participar propositiva e construtivamente de iniciativas coletivas.
Produção de conhecimento	Definir temas e objetivos de pesquisa e levantar hipóteses; Planejar o trabalho e estabelecer metas; Buscar fontes de pesquisa para responder a suas indagações; Compreender informações de diferentes

7- Defender e promover os direitos humanos e a sustentabilidade;

8- Desenvolver o autoconhecimento e o cuidado por si e pelo outro;

9- Valorizar a diversidade, respeitar, dialogar e cooperar;

10- Agir com autonomia, flexibilidade, determinação e ética democrática.

	fontes; Organizar informações recolhidas; Coordenar informações produzindo novo conhecimento; Divulgar os conhecimentos e resultados da pesquisa.
--	---

Uma avaliação diagnóstica é realizada no início do ano letivo para orientar o trabalho da equipe pedagógica (professores, tutores, auxiliares e integrantes do Núcleo de Psicologia) na definição de estratégias visando estimular o desenvolvimento das habilidades de vida que faltam a cada aluno e assim, conseqüentemente, ajudá-lo a alcançar níveis mais elevados de autonomia.

14.2 A AUTONOMIA COMO PRINCÍPIO, MEIO E FIM DA AÇÃO PEDAGÓGICA

A autonomia intelectual é fruto dos poderes da razão que substitui crenças pela demonstração. A autonomia moral é também fruto da razão que, ao dogma, opõe a justificação racional. O 'herói' piagetiano é, portanto, aquele que pode dizer 'não' quando o resto da sociedade, possível refém das tradições, diz 'sim', contanto que este 'não' seja fruto desta 'demarche' [diligência] intelectual ativa e não apenas decorrência de um ingênuo espírito de contradição.

Yves de La Taille

Autonomia (do grego auto nómos, “regra própria”) diz respeito à capacidade de governar a si mesmo, guiando suas decisões e atos pela consciência da necessidade de limitar os próprios impulsos como forma de viabilizar o convívio social. A liberdade individual precisa, de fato, ser regulada, caso contrário voltaríamos à barbárie, ao império da lei do mais forte. “A autonomia e a liberdade são sempre relativas, isto é, elas são algo que se experimenta em relação, no convívio com outras pessoas”, diz a filósofa Terezinha Rios¹².

Piaget define a autonomia em duas vertentes, a intelectual e a moral. Autonomia intelectual diz respeito à capacidade de pensar por si mesmo, de receber informações de maneira crítica, e não de forma automática, como se vê com os vorazes consumidores de notícias falsas. Autonomia moral refere-se à opção de pautar sua conduta no respeito e consideração pelo outro e pelo meio. É uma escolha, feita por livre vontade, de agir de forma sempre construtiva, ao contrário de tantos que se acham espertos por “levar vantagem”, desconsiderando quem paga a conta.

Na Rede de Escolas da Serra, definimos autonomia como o exercício da liberdade de decidir e agir coerentemente com os planos e motivações pessoais, levando em consideração o outro e o contexto – e entendemos que é a maior aprendizagem que a Escola pode proporcionar ao seu aluno. Um sujeito autônomo assume o comando de seu próprio estar no mundo, ocupando espaços e estabelecendo suas próprias regras de conduta (ou acolhendo como suas as

¹² RIOS, Terezinha A. Compreender e Ensinar. Por uma Docência de Melhor Qualidade. 5ª Ed. São Paulo: Cortez, 2005.

pactuadas) em antecipação à imposição de norma externa. O protagonismo, a internalidade¹³, o espírito empreendedor são consequências do desenvolvimento da autonomia. Se uma pessoa é capaz de fazer escolhas coerentes com seus projetos e sonhos, de agir com independência e responsabilidade social na busca de seus objetivos... do que mais ela precisará? Essa é a pessoa capaz de caminhar sozinha, com consciência, que funciona guiada por seus objetivos e princípios, portanto não necessita de estímulos, cobranças, ameaças ou sanções externas. É a pessoa que sabe o que quer e o que importa, por isso é determinada e persistente. É a pessoa que pretendemos que todos os nossos alunos venham a ser.

Mas como se aprende autonomia? Como se desenvolve a autonomia? Que papel a escola pode ter nisso? Em sua evolução social, segundo Piaget, a criança vive na infância um período natural de pensamento egocêntrico, quando percebe o mundo como extensão de si mesma. É uma fase caracterizada por anomia, ou seja, o não reconhecimento de quaisquer regras conflitantes com seus desejos e interesses individuais. Para viver em sociedade, porém, o indivíduo precisa “descolar-se de si mesmo” (descentramento) e construir a noção de alteridade. Segue-se, assim, um período de heteronomia, no qual ele precisa aprender a seguir regras externas, rompendo com a lógica egocêntrica. Gradualmente, o sujeito consegue experimentar e exercitar os valores fundantes da autonomia, tornando-se progressivamente mais capaz de governar a si mesmo.

Ou seja, ninguém nasce autônomo; autonomia é uma competência a ser aprendida, como tantas outras. E aprende-se autonomia praticando-se autonomia. É um processo de desenvolvimento de independência, iniciativa, ousadia e responsabilidade. A cada faixa etária, desde a mais tenra idade, crianças e jovens devem ser encorajados a assumir desafios compatíveis com suas possibilidades, chamados a opinar, a escolher e a responsabilizar-se por suas decisões. Desde a educação infantil, o educador deve abandonar o hábito de tutelar a criança e o jovem, colocando-se, ao invés, como alguém que escuta e valoriza o que eles têm a dizer; que deseja que se sintam capazes, autoconfiantes, empoderados; que entende que seus alunos devem ter vez e voz. Há ainda diversos recursos e estratégias de fortalecimento da autonomia: construção coletiva de combinados; assembleias de alunos; eleições de temas de projetos coletivos; atividades optativas; projetos de livre escolha... e, no dia a dia, deve haver oportunidades para o aluno exercer seu poder de decidir: o que estudar a cada momento; quanto tempo dedicar a esse estudo específico; onde estudar; que fontes consultar; como apresentar sua pesquisa; como ser avaliado...

Como o nível autonomia alcançado por uma pessoa é resultante de um processo de desenvolvimento de habilidades de vida, e também pelo fato de a faixa etária do sujeito delimitar as possibilidades de expressão da autonomia, não há como assegurar todas as oportunidades acima elencadas de uma só vez, pois nem todos os alunos estarão preparados para lidar com tanta liberdade e, possivelmente, se sentiriam perdidos ou paralisariam. Por isso, estabelecemos objetivos de desenvolvimento de autonomia apropriados para cada ciclo, relacionados às Habilidades de Vida, a partir dos quais buscamos identificar o estágio em que cada aluno se encontra. Isso feito, torna-se possível situar os alunos em diferentes níveis de

¹³ Conceito definido pelo psicólogo americano Jules Rotter, também denominado *Locus de Controle Interno*, que significa autorresponsabilidade, capacidade de assumir as consequências das próprias escolhas e ações.

autonomia aos quais correspondem distintos modos de atuação do professor, bem como diferentes graus de liberdade, direitos e responsabilidades.

Apesar de ser claramente um processo contínuo, o desenvolvimento da autonomia é por nós entendido como uma sucessão de três níveis, cada um devendo ser compreendido como uma faixa (nunca um ponto) de domínio de habilidades de vida. Tudo é dinâmico: não há saltos de um nível para outro e, dentro de cada nível, há movimentos e subfases que demonstram processos em andamento. E é objetivo permanente da nossa ação pedagógica que cada aluno avance para os níveis superiores de autonomia.

NÍVEL DE AUTONOMIA	RELAÇÃO COM O EDUCADOR	ATUAÇÃO DO EDUCADOR
<p>Heterônimo: Dependente de ordens e incentivos externos; demonstra pouca consideração pelo interesse do outro; não assume responsabilidade por suas escolhas; precisa que o educador determine suas estratégias de aprendizagem.</p>	<p>De dirigido a monitorado (de direcionamento total a acompanhamento próximo)</p>	<p>Direcionamento e acompanhamento próximos; incentivo para perceber o outro; criação de situações que estimulem a tomada de decisões e responsabilizações; estímulo à tomada de consciência das características pessoais e à autoavaliação.</p>
<p>Semi autônomo: Necessita conselhos e direcionamento pontual, mas já toma decisões com razoável consciência e independência; tem razoável consciência dos interesses pessoais; percebe o outro e o considera em suas ações; ainda se orienta por estratégias de aprendizagem propostas pelo educador, mas começa a descobrir a sua própria forma de aprender.</p>	<p>De orientado a supervisionado (de acompanhamento próximo a apoio eventual)</p>	<p>Orientação para a construção da autonomia; supervisão dos trabalhos; capacitação em gestão do tempo e de prioridades; incentivo para assumir a avaliação do próprio desempenho e tomar consciência das próprias estratégias de aprendizado; estímulo à investigação de suas áreas de interesse.</p>

<p>Autônomo: Define e cumpre metas a partir do autoconhecimento; administra bem o tempo e as prioridades; realiza autoavaliações e toma decisões refletidas; protagoniza o seu processo de aprendizagem; sempre leva em conta o interesse do outro em suas ações; estrutura um projeto de vida.</p>	<p>De assessorado a assistido (de apoio eventual a apoio sob demanda)</p>	<p>Sugestões para o refinamento dos trabalhos; apoio à conscientização de talentos pessoais e exploração dessas potencialidades; aconselhamento relativo ao projeto de vida.</p>
--	---	--

14.3 PROCESSO DE APRENDIZAGEM: SEIS ETAPAS PARA UMA VIVÊNCIA SIGNIFICATIVA

A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. Ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.
Paulo Freire

Diz o senso comum que a missão da escola é ensinar; afirmamos, porém, que a missão da Escola da Serra é levar o aluno a aprender. Essa não é uma diferença trivial, é virar a mesa – na verdade, colocar de pé a mesa que se encontra virada. Significa que, enquanto o aluno não aprende, não se realiza a missão do professor e da Escola. E aprender significa desenvolver conhecimentos, habilidades, valores – competências! – que garantirão o alcance dos objetivos expressos na Seção 6 – Referências e Finalidades. Isso vai muito além da aprendizagem de conteúdos formais de diferentes áreas do conhecimento.

Definidas, a partir de Perrenoud, como “a capacidade de mobilizar conhecimentos, habilidades e valores para realizar um propósito”, a ideia de competência dá sentido à aprendizagem e valoriza a aquisição de conhecimentos, pois não há competência sem conhecimento – mas, por isso mesmo, ele deve ser significativo para o aluno; implica, também, desenvolver a capacidade de colocar o conhecimento em prática para que seja um saber vinculado à realidade – daí o foco no desenvolvimento de habilidades; e, como o conhecimento não é neutro, há que se compreender os valores que se vinculam a esse saber, assegurando-se que o novo conhecimento seja apropriado de forma crítica. A aprendizagem voltada para a construção de competências visa, assim, a que os alunos dominem o quê, o como e o porquê.

Para assegurar a construção de conhecimentos sólidos e abrangentes, a Escola da Serra estabeleceu um Processo de Aprendizagem estruturado em seis etapas que pretende guiar os alunos no despertar do espírito investigativo, no exercício da pesquisa e no desenvolvimento de competências para se tornarem jovens pesquisadores, produtores de conhecimento, capazes de contribuir para a transformação do mundo. Como estratégia prioritária de produção de conhecimento, esse processo deve permear cada proposta concreta de ação, oferecendo a todo

aluno múltiplas oportunidades de conhecer e se conhecer. O Processo de Aprendizagem consiste das seguintes etapas:

1 – Conexão (Aquecendo os motores): este é o ponto de partida de qualquer processo de produção do conhecimento, pois é aqui que o aluno deve estabelecer um vínculo forte e significativo com o conteúdo a ser trabalhado. O propósito desta etapa é contextualizar o tema de estudo, apresentar os objetivos de aprendizagem, estimular o aluno a mobilizar os conhecimentos prévios, levantar hipóteses e definir perguntas de pesquisa orientadoras do trabalho.

Ao iniciar um projeto ou uma pesquisa sobre um tema, o primeiro passo será explicitar que conhecimentos o aluno já possui (ou acha que possui) sobre o assunto. Para David Ausubel¹⁴, autor da expressão “levantamento de conhecimentos prévios”, o fator isolado mais importante que influencia o aprendizado é aquilo que o aprendiz já conhece. Essa fase é condição para uma aprendizagem significativa e tem como objetivo ancorar o conhecimento que será construído à bagagem que o aluno já possui. Mesmo que baseada em senso comum ou equivocada, essa bagagem inicial sempre será o ponto de partida.

Em seguida à identificação do que já sabe, o aluno procurará levantar hipóteses e antecipar o que o estudo que está por começar poderá lhe trazer de novo. Essas conexões tanto para trás como à frente servem para contextualizar, trazer sentido para o aprendizado e motivar o aluno para esse estudo. A culminância da fase de Conexão deve ser a definição das perguntas de pesquisa que devem se guiar pelos objetivos que se pretende que o aluno alcance e por seus interesses pessoais (ou do grupo), estabelecendo uma direção clara para a aprendizagem.

2- Planificação (Eficiência e eficácia): uma vez que o aluno conhece o assunto da pesquisa, tomou consciência do que sabe (ou acha que sabe), já tem expectativas sobre o conhecimento a ser construído e sabe quais etapas deverá cumprir, é hora de se organizar para o trabalho -- condição essencial para a sua eficiência (processo competente) e eficácia (resultado adequado): quando se dedicará a ele? Onde? Que recursos necessitará? A quem poderá recorrer? Quanto tempo levará em cada fase? Que metas pode estabelecer? Caso haja atraso, qual será o “plano B”? É importante ressaltar que essas perguntas devem ser relativizadas conforme os níveis de autonomia dos alunos, bem como consideradas suas idades. A noção de tempo para crianças pequenas é bem diferente da noção que têm os adolescentes, portanto a planificação deve se pautar por essas variáveis.

3- Investigação (O mergulho): esta é a etapa em que o aluno se dedicará à pesquisa do assunto, explorando diversas fontes sugeridas pelo professor e/ou buscando outras de sua escolha, desde que confiáveis, aspecto importante da aprendizagem a ser orientado pelo professor. Aqui ele precisará construir uma visão ampla e profunda sobre o tema. A cada consulta – seja a textos, vídeos, experimentos, pessoas (entrevistas) –, o aluno deverá fazer registros adequados: grifo de trechos, anotações, fichamentos, resumos, quadros síntese etc. Esses registros visam organizar e armazenar as informações coletadas, viabilizando melhor compreensão e facilidade de acesso em posterior consulta.

¹⁴ David Paul Ausubel, psicólogo educacional americano (1918-2008), propôs a Teoria da Aprendizagem Significativa em sua obra A Psicologia da Aprendizagem Verbal Significativa, publicada em 1963.

4- Elaboração (Fazendo-se autor): nesta etapa, o foco é a articulação, organização e sistematização das diferentes informações levantadas na Investigação, em um todo bem estruturado. Aqui, o aluno compilará os seus registros utilizando estratégias de organização de informações e do pensamento, garantindo, assim, uma compreensão ampla e precisa do novo conhecimento. Ele poderá construir linhas do tempo, quadros comparativos, mapas conceituais, diagramas ou textos, exercitando as habilidades de coordenação de ideias, síntese, abstração. Esta é a fase em que o aluno transformará as informações e dados levantados na fase de Investigação em conhecimento, na forma de um trabalho orgânico e competente.

5- Aplicação (A "prova dos 9") uma vez construído conceitualmente o novo conhecimento, é hora de submetê-lo à prova de realidade, colocando-o em prática. Aqui, o aluno deverá experimentar o novo conhecimento em situações diversas, reais ou hipotéticas, estimulando o raciocínio e a extrapolação, levando a aprendizagem a um nível mais concreto. Por vezes, essa fase explicitará lacunas no conhecimento, que demandarão o retorno à fase de Investigação para complementação dos estudos. As novas descobertas exigirão ajustes, também, no produto da fase de Elaboração e, naturalmente, um retorno à fase de aplicação para confirmar que o conhecimento, agora, está consistente.

6- Apropriação (Conhecimento é poder): É chegada a hora de refletir sobre a trajetória percorrida para alcançar esse aprendizado e identificar o que funcionou bem e o que não, assim tomando consciência da própria maneira de aprender, em um rico processo de metacognição. Esta é a fase de "desescolarização" do conhecimento, de tomada de consciência do novo nível de empoderamento proporcionado pela aquisição do novo saber e pela vivência do processo de sua construção. Como todo conhecimento diz respeito ao ser humano, seu ambiente, sua vida, o aluno deverá buscar esse nexos, refletindo sobre o significado do novo aprendizado para seus projetos, seus sonhos, seu contexto, a relação do novo conhecimento com assuntos da atualidade, possibilidades de seu emprego em benefício da comunidade, do país, do planeta.

Cada uma dessas seis etapas é essencial, e todas são igualmente importantes: se o processo tiver início sem a **Conexão**, a pesquisa ficará descontextualizada e carente de sentido; se não houver a **Planificação**, o estudo perderá objetividade e eficiência; sem a **Investigação**, não haverá elementos para a construção de um novo conhecimento; na ausência da **Elaboração**, o aluno terá apenas um conjunto de informações desarticuladas e não alcançará uma construção coesa do conhecimento; caso não haja a **Aplicação**, o conhecimento será meramente teórico e, possivelmente, inconsistente; se não houver a **Apropriação**, será apenas um conhecimento escolar, privando o aluno da oportunidade de ampliar seu autoconhecimento e empoderamento.

As estratégias e atividades didáticas que compõem cada uma das etapas do Processo de Aprendizagem dependerão do tema que está sendo pesquisado/trabalhado, assim como do ciclo, do agrupamento ou do aluno envolvido. Existem inúmeras possibilidades e, por isso, incentivamos a criatividade e perspicácia do professor na proposição de estratégias instigantes e apropriadas para cada caso. Orientações detalhadas e ideias de atividades estão apresentadas no nosso Guia de Elaboração de Estratégias e Materiais Didáticos Fundamentados no Processo de Aprendizagem, que deve ser um instrumento de estudo e consulta contínua por todos os

educadores da Escola.

O trabalho com projetos e o desenvolvimento de pesquisas são estratégias pedagógicas privilegiadas na Escola da Serra em todos os ciclos, da Educação Infantil ao Ensino Médio, oportunizando o exercício da investigação, da iniciativa e do desenvolvimento da autonomia. Realizados individualmente ou em pequenos grupos, tanto podem ser propostas de investigação aprofundada sobre determinado tema ou questão desafiadora, como também iniciativas de organização de eventos, viagens, vivências ou intervenções de especial significado para os alunos. Projetos que versam sobre temas de interesse pessoal de um determinado aluno são denominados Projeto de Livre Escolha e têm início com a proposição do tema ao professor acompanhada de justificativa e das questões de pesquisa. Independentemente do tipo de projeto de trabalho, sua estrutura seguirá as etapas do processo de aprendizagem, devendo resultar em um produto, vivência, intervenção ou apresentação.

Roteiros de Pesquisa são a ferramenta didática que materializa o Processo de Aprendizagem. Por meio desse instrumento, os projetos e as pesquisas dos alunos são devidamente organizados, desenvolvidos e concluídos. Na Educação Infantil e início do primeiro ciclo do Ensino Fundamental o Roteiro de Pesquisa deverá guiar o professor na orientação de projetos e pesquisas, garantindo a sua fundamentação nas seis etapas do Processo de Aprendizagem. A partir do 2º Ciclo do Ensino Fundamental, o roteiro já pode ser utilizado como uma ferramenta didática a ser apropriada mais diretamente pelos alunos. A sua inserção é gradual e bem medida para a familiarização consciente do aluno nesses primeiros anos de sua trajetória educacional. Negociados pelo aluno com os professores das diferentes áreas, constituem guias de uma jornada de aprendizagem que levará o aluno a dominar os conhecimentos abrangidos pelo Roteiro. Essa jornada, realizada pelo aluno com o apoio, mas sem a tutela do professor, assegurará ao estudante o protagonismo do próprio processo de aprendizagem.

14.4 TUTORIA: ESTRATÉGIA DE ACOMPANHAMENTO DO ALUNO

Toda criança merece um patrono — um adulto que nunca desistirá dela, que compreenda o poder do vínculo e insista que ela se torne o melhor que possa ser.

Rita Pierson

A Tutoria, na Escola da Serra, consiste num conjunto de estratégias para o acompanhamento e orientação personalizada de cada aluno, visando ao aprimoramento da sua experiência de aprendizagem, à consolidação de valores e ao fortalecimento das habilidades de vida, assim contribuindo para o alcance de níveis mais elevados de autonomia.

A Tutoria deve ser compreendida como um processo de trabalho cooperativo entre tutores, famílias, estudantes e demais professores, com caráter essencialmente formativo. Cada tutor é responsável por um grupo de tutorandos que se encontram semanalmente por até duas horas, quando são conduzidas propostas coletivas e atendimentos individuais.

Para colher informações complementares sobre seus tutorandos e avaliações sobre o seu desenvolvimento pedagógico e atitudinal, são realizadas reuniões com os demais professores do aluno. Sempre que necessário, as famílias também são chamadas para discutir questões

relativas a seu filho e, de forma inversa, é com o Tutor que as famílias entram em contato quando têm a tratar um assunto significativo referente ao filho. Assim, a Tutoria se constitui como a linha de frente na relação escola-família-escola, tornando-se um processo permanente de orientação e acompanhamento do desenvolvimento dos estudantes e de comunicação com as famílias.

O tutor é uma espécie de mentor que se ocupa em desempenhar um papel essencialmente formativo, acompanhando o desenvolvimento da maturidade do estudante. Ele é uma referência de comportamento, de valores, de posturas éticas e estéticas, e se legitima como aquele que aconselha e é ouvido, que atiga o estudante a tomar consciência de seus desejos e potenciais, que o provoca a comprometer-se com a busca de realização de seus próprios sonhos. Para realizar essa missão tão importante, o Tutor encontra-se semanalmente com seus tutorandos e os orienta na gestão de seus afazeres; ajuda-os a desenvolver hábitos de organização e produtividade; ensina-lhes técnicas de estudo; de administração do tempo; de gestão de prioridades; acompanha, incentiva e cobra desempenho. A tutoria se desenvolve tanto em momentos de conversas individuais como em encontros de todo o grupo de estudantes que escolheram aquele professor tutor pela confiança, pela empatia. Esse grupo de tutorandos acaba por se constituir – e assim deve ser percebido pelo Tutor – como um pequeno coletivo que vive, convive e compartilha expectativas comuns.

Os Tutores também reúnem-se com as famílias periodicamente para esclarecer dúvidas sobre o desenvolvimento dos filhos, acordar estratégias que possam beneficiar o seu desenvolvimento e prestar orientações, constituindo a linha de frente no atendimento aos alunos e seus responsáveis.

Especificamente, a atuação do **Tutor** tem o objetivo de:

- levar o aluno a desenvolver hábitos adequados de organização, priorização de tarefas e administração do tempo (inclusive, hábitos extraescolares que impactam sua vida escolar);
- promover o desenvolvimento de hábitos, estratégias e técnicas eficazes de estudo pelo aluno;
- incentivar o aluno a ser auto exigente, desenvolvendo o gosto por realizar trabalhos com profundidade, qualidade e cuidado estético;
- assegurar que o aluno conduza bem seu plano de estudos, orientando-o na superação de pendências;
- sensibilizar o aluno para a importância de honrar a palavra dada e os compromissos assumidos, cobrando respeito aos prazos acordados;
- desafiar e apoiar o aluno no fortalecimento de sua maturidade como estudante, incentivando a internalização de valores e a auto responsabilização por sua trajetória de vida;
- proporcionar ao aluno um ambiente seguro de escuta ativa e acolhimento;
- compartilhar informações pertinentes com os demais professores do aluno e seus responsáveis;
- atuar como principal interlocutor entre a Escola e a família.

15. O ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

Quem aprende uma nova língua adquire uma alma nova.

Juan Ramón Jimenez

A sede da Escola da Serra, em Belo Horizonte, sempre buscou uma abordagem das línguas estrangeiras (LE) que proporcionasse aos alunos a oportunidade real de aprendê-las. Buscando potencializar os bons resultados já alcançados, um novo conceito de aprendizagem de LE passou a ser implementado em todas as Escolas da Rede Escolas da Serra a partir de 2023. Esse novo conceito baseia-se em 7 *princípios*, cada um deles sublinhando a relevância desse aprendizado e assegurando a coerência das estratégias de ensino de LE com o conceito de educação que se desenvolve na Escola da Serra. São eles:

1. O estudo de LE deve ser significativo para o aluno, e ele deve se sentir feliz aprendendo o novo idioma.
2. Os alunos devem ser os protagonistas do processo de aquisição da LE, passando o foco do professor para o aluno.
3. As LE devem estar em evidência em todo o ambiente da escola.
4. As LE devem ser meio para o trabalho em outras áreas de conhecimento.
5. Aprender uma LE, independentemente do nível de proficiência do aluno, consiste em potencializar a capacidade de comunicação, desenvolvendo a habilidade de utilizar o repertório que possui na LE de forma arrojada e criativa.
6. O Processo de Aprendizagem da Escola da Serra deve orientar os trabalhos desenvolvidos em LE.
7. Investir na autonomia do aluno é investir na sua proficiência em LE: quanto mais autônomo o aluno, mais longe ele será capaz de ir.

O aprendizado de LE na Escola da Serra ocorre em um *continuum*, ao longo do qual destacam-se três fases: *Prontidão* (familiarização com a LE e motivação para o aprendizado como foco na oralidade); *Aquisição* (domínio da comunicação oral na LE, agregando-se foco na leitura); *Estruturação* (sistematização do conhecimento da LE, acrescentando-se foco na escrita).

A **Fase de Prontidão** tem em vista todos os estudantes que estão tendo um primeiro contato com uma língua estrangeira, pretendendo que essa vivência inicial seja lúdica, prazerosa, instigante, isenta de pressões, sem objetivos de aprendizagem pré-estabelecidos além de despertar o interesse, a curiosidade, a motivação do aluno para aprender o idioma. Naturalmente, é a fase que domina a Educação Infantil até o 2º Ciclo do Ensino Fundamental, quando a língua estrangeira estudada é o inglês. O trabalho é dedicado à familiarização com a língua e ao alcance de prontidão para uma aprendizagem posterior mais sistematizada por meio da exposição intensiva à LE. Nesta fase, usamos a metodologia ChatterBox, desenvolvida pelas educadoras Mariana Boschi e Gisely Boer, sendo a primeira a Sócia-Diretora da Escola da Serra de Pouso Alegre.

O objetivo principal da metodologia ChatterBox® é fazer com que as crianças da Educação Infantil vivenciem o inglês em situações reais e sem tradução, o que as levará a usar todos os recursos que conhecem para dar significado ao conteúdo apresentado. O fato de ainda estarem

em processo de apropriação da língua materna facilita a aprendizagem de um segundo idioma, pois elas transferem seus conhecimentos e suas hipóteses de uma língua para a outra.

Para estimular esse processo, são utilizados livros originais de literatura infantil em língua inglesa, com ilustrações e textos elaborados para despertar o interesse das crianças e levá-las a criar um vínculo afetivo positivo com o idioma. Elas aprendem de forma lúdica e envoltas no seu universo: brincando, ouvindo histórias, dramatizando, cozinhando e muito mais.

Para os alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental, a metodologia ChatterBox® recebe alguns ajustes para incorporar o universo do letramento, vivenciado intensamente pelas crianças nessa etapa. Permanecem, entretanto, os mesmos objetivos de familiarização, motivação e prontidão para o aprendizado da língua inglesa.

A partir do 3º ciclo, quando tornam-se evidentes as diferenças de proficiência em LE resultantes das vivências pessoais de cada aluno, institui-se um currículo estruturado por níveis, único para todos os ciclos, o que assegura continuidade no aprendizado e, principalmente, garante que cada aluno estudará o que corresponde ao seu nível real de conhecimento. Os primeiros níveis consistem na **Fase de Aquisição** da língua, com intenso foco na comunicação oral (fala e compreensão). Aproveitando-se do fato de que os alunos já são alfabetizados na língua materna, nessa fase também agrega-se o foco na habilidade de *leitura*, que contribuirá para potencializar a aprendizagem dos estudantes pela exposição ao vocabulário e à sintaxe da LE, levando-os a perceber o idioma de forma cada vez mais familiar.

Os últimos níveis constituem a **Fase de Estruturação**. Aqui, os alunos já dominam a comunicação na LE: falam, entendem e leem, o que sinaliza o momento perfeito para investir na estruturação do conhecimento, com ênfase na *comunicação escrita*.

Perceba-se que a diferença entre essas fases é o foco de cada uma: internalização da língua predominantemente em seu aspecto oral, na primeira; estruturação formal e comunicação escrita, na segunda. Após avaliação diagnóstica, cada aluno será posicionado em um ponto do currículo que corresponde exatamente ao seu nível de proficiência na LE, o que ditará em qual das fases ele estará e qual será o foco principal do esforço de aprendizagem.

16. AVALIAÇÃO E REGISTRO DE DESENVOLVIMENTO DO ALUNO – O RDA

Toda educação é autoeducação, e nós, como professores e educadores, somos, na realidade, apenas o entorno do aprendiz educando-se a si próprio.
Rudolph Steiner

Em nossa perspectiva, a avaliação do desempenho escolar sempre integra, dinamicamente, as vertentes *diagnóstica* (visando à identificação de conhecimentos e habilidades já estabelecidos, possibilidades e dificuldades do aluno), *processual* (contínua, prevalecendo os aspectos qualitativos sobre os quantitativos – ou seja, considera não só o resultado, mas também o próprio processo de aprendizagem) e *formativa* (sustentando o planejamento dos passos subsequentes do processo de aprendizagem). Como já visto, o desenvolvimento de aspectos como: autoconhecimento, autoestima, criatividade, ética e autonomia constituem elementos essenciais da formação do educando e, por conseguinte, do processo avaliativo.

O desenvolvimento do aluno é avaliado com base no acompanhamento diário das suas atitudes, de sua produção e de seu progresso, contemplando os três campos da cognição que compõem a formação de competências: o desenvolvimento de conceitos (conhecimentos), de habilidades (procedimentos) e de valores (atitudes).

Ao final de cada pesquisa ou projeto desenvolvido, cabe ao aluno realizar um processo de *metacognição*, que consiste numa tomada de consciência de como ele aprende. Isso inclui uma autoavaliação do seu envolvimento e desempenho a cada etapa ou estratégia utilizada, do seu nível de interesse e comprometimento, da qualidade do planejamento feito, dos resultados alcançados, do significado do novo conhecimento para sua vida. Isso feito, cabe ao aluno demonstrar ao professor as aprendizagens realizadas, inclusive as resultantes do processo de metacognição. Alunos heterônomos prepararão sua demonstração de aprendizagem seguindo direcionamento do professor; os semi autônomos seguirão orientações gerais; e os autônomos utilizarão os recursos e instrumentos que entendam ser mais adequados para o propósito.

Qualquer que seja o caso, contudo, o aluno não receberá notas, pois nosso propósito é que ele estude pelo valor intrínseco da aprendizagem e esteja focado em seu próprio desenvolvimento, ao invés de se voltar para o alcance de resultados numéricos e para a comparação com os colegas. Assim, em vez de notas, o aluno recebe observações do professor sobre seu desempenho e orientações sobre como superar eventuais lacunas, o que lhe permite dedicar-se a sanar suas falhas de imediato.

Um sistema informatizado de gestão acadêmica denominado **RDA – Relatório de Desenvolvimento de Aluno** viabiliza o acompanhamento contínuo e detalhado dos objetivos de aprendizagem, dos focos de estudo e da evolução do aluno. Para o Ensino Fundamental e Médio, esse instrumento contém todos os campos de conhecimento que englobam os conteúdos de cada área do conhecimento no ciclo (na BNCC referidas como “Unidades Temáticas”); em cada campo de conhecimento, estão os conteúdos que o compõem, que são os focos de estudo específico. Aqueles que o aluno estiver trabalhando no momento estarão indicados por *EE* (“*em estudo*”); os que ainda não foram estudados estarão em branco; aqueles cujo estudo já tenha sido concluído com sucesso estarão sinalizados com *A* (“*aprendido*”); conteúdos cujo domínio o aluno não tenha comprovado suficientemente estarão assinalados com o indicador *AN* (“*ainda não aprendido*”). Ao receber *A*, a partir do 3º Ciclo do Ensino Fundamental e a depender do seu nível de autonomia, o aluno estará liberado para negociar com os professores da área de conhecimento outro conteúdo para trabalhar; se receber *AN*, ele não poderá iniciar nenhum novo conteúdo na área enquanto não resolva essa pendência.

Aprendido significa atingir não um ponto, mas uma faixa de domínio do conteúdo que vai do satisfatório ao excepcional. Coerentemente com o princípio de valorização da diversidade e de respeito às diferenças individuais, vemos com naturalidade o fato de os alunos demonstrarem níveis de desempenho diferenciados em cada área, resultado do seu maior ou menor interesse, facilidade ou afinidade com ela. Assim, enquanto um aluno alcançará incontestável proficiência em determinado conhecimento, outro, menos motivado naquela área específica, garantirá apenas o essencial. Ambos, entretanto, em níveis diferentes, terão assegurado seu direito e dever de aprender. Não há qualquer conotação de “bom” ou “ruim”, “adequado” ou “inadequado”, “competente” ou “incompetente”, “sucesso” ou “fracasso” nos indicadores *A* e

AN: apenas e simplesmente indicam se determinado conteúdo *já foi* ou *ainda não foi* dominada. Por outro lado, a atribuição do indicador *A* equivale a um *atestado* de que o aluno realmente domina o conteúdo em questão, portanto, *ainda que tenha se esforçado profundamente, um aluno não receberá A enquanto não houver comprovado ter aprendido, de fato, o conteúdo.*

No caso dos alunos com deficiências, a Escola da Serra gerará recursos adaptados ou particularmente direcionados para garantir o direito à aprendizagem destes. Um Plano de Desenvolvimento Individual - PDI (em alguns lugares conhecido como Plano Educacional Individualizado - PEI) deverá ser elaborado e executado, com o conhecimento das famílias.

A recuperação de uma aprendizagem considerada insuficiente ou pouco consistente é feita imediatamente após a eventual obtenção do indicador *AN*, seguindo a orientação que o professor apresenta. Como já dito, *até que a pendência seja superada (o AN tornar-se A), o aluno fica impedido de se dedicar ao estudo de qualquer novo conteúdo naquela área de conhecimento.* Qualquer *AN* sinaliza, portanto, uma necessidade imediata e inadiável de atenção do aluno. Dessa forma, a recuperação da aprendizagem ocorre de forma natural e imediata ao longo do processo escolar, não havendo, por isso, recuperação final como acontece na maioria das escolas tradicionais.

Alunos novatos classificados no 2º ou 3º ano de um ciclo terão registrado em seu RDA um asterisco em cada um dos conteúdos que, por padrão, as escolas convencionais abordam no(s) ano(s) anterior(es). Esse * indicará uma “suposição de conhecimento”. Caso o aluno venha a demonstrar falta de domínio de alguma das habilidades assim assinaladas, o asterisco será alterado para *AN*, passando a constituir necessidade imediata de estudo. É também no próprio RDA que qualquer aluno a qualquer tempo poderá indicar conteúdos que acredita dominar, o que disparará um aviso eletrônico ao professor informando-o de que ele deseja ser avaliado naquele(s) conteúdo(s) específico(s). Feita essa avaliação, os conteúdos cujo domínio for confirmado receberão *A*. Como se vê, o que importa para nós é o aluno *saber*, independentemente de quando, como ou onde ele aprendeu.

O símbolo # (jogo da velha) é utilizado para excluir determinado item do rol de conteúdos obrigatórios para o aluno, por exemplo, no caso das modalidades pelas quais ele não optou em Arte ou no caso de adaptação curricular para um aluno com deficiência (considerando o compromisso da Escola da Serra com o desenvolvimento global do aluno, procuramos assegurar nossos alunos com deficiência convivendo no seu grupo etário).

O RDA também permite o registro de observações do Tutor para o aluno, bem como do aluno e sua família para o Tutor. É um recurso único, que permite uma verdadeira avaliação processual da qual os alunos e suas famílias podem participar ativamente, tendo consciência do que está sendo estudado, do que foi avaliado e do que deverão fazer para superar suas dificuldades.¹³

Uma vez que a avaliação adotada na Escola da Serra utiliza recursos diferenciados, sendo processual e contínua ao longo do ciclo conforme aqui explicitado, carecem de sentido e são impossíveis de serem atendidas solicitações de vistas ou de revisão de provas.

17. A EDUCAÇÃO INFANTIL

Essa concepção de criança como ser que observa, questiona, levanta hipóteses, conclui, faz julgamentos e assimila valores e que constrói conhecimentos e se apropria do conhecimento sistematizado por meio da ação e nas interações com o mundo físico e social não deve resultar no confinamento dessas aprendizagens a um processo de desenvolvimento natural ou espontâneo. Ao contrário, impõe a necessidade de imprimir intencionalidade educativa às práticas pedagógicas na Educação Infantil, tanto na creche quanto na pré-escola.

BNCC Educação Infantil

Ao longo da história da humanidade o conceito de infância sofreu transformações de acordo com as mudanças socioculturais, políticas e econômicas. A partir do século XX a criança é compreendida como um sujeito de direito e de desejo. Diversos estudos nas áreas de Psicologia do Desenvolvimento, Psicologia Infantil, Antropologia, História, Educação e Medicina contribuíram para uma melhor compreensão da infância e de seus contornos.

Atualmente, compreendemos que a criança vive a experiência infantil no interior de uma determinada cultura e que os padrões de desenvolvimento são determinados pelos saberes, práticas e valores de cada uma delas. Por isso, podemos dizer que as infâncias são múltiplas: no Brasil, na Itália, na África, as experiências de ser criança são bastante particulares. Mas vivemos na era da cultura de massa e criamos um modelo de infância dirigido às crianças de classe média. Aqui no Brasil, meninos e meninas são alvo preferencial da indústria do consumo. As famílias e as escolas – não todas! – treinam as crianças desde muito pequenas para serem profissionais bem-sucedidos e bons consumidores. E, mais uma vez, a criança vai ficando sem voz e sem espaço de ser; ser criança! A característica essencialmente lúdica da infância transforma-se em “atividades pedagógicas”; a brincadeira livre, o jogo simbólico e a imaginação infantil ganham objetivos específicos; a criança está quase sempre sob a orientação de um adulto que se antecipa aos seus desejos, abafando sua voz.

Diversos movimentos no mundo inteiro têm procurado mostrar que a infância é um período de muita produção e que a criança tem diversas linguagens para expressar seus conhecimentos, seus desejos, seus sonhos e valores.

Na Escola da Serra Pouso Alegre, a proposta pedagógica para a Educação Infantil baseia-se em autores construtivistas que nos apresentam o conceito de desenvolvimento da autonomia moral, da autonomia do pensamento e da autonomia da ação, e organiza-se segundo proposto pela BNCC. Dois são os eixos estruturantes da educação infantil: as interações e a brincadeira, linguagens essenciais da infância, por meio das quais a criança se relaciona com o mundo, compreende, cria e recria as experiências sociais. Seis direitos de aprendizagem devem ser assegurados aos pequenos: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se. E cinco campos de experiência organizam os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento: O eu, o outro e o nós; Corpos, gestos e movimentos; Traços, sons, cores e formas; Escuta, fala,

pensamento e imaginação; Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações.

Se, ao longo de todos os ciclos, há um propósito e um esforço para integrar as áreas de conhecimento, isso é ainda mais visível no dia a dia dos alunos da Educação Infantil. Não obstante a ação pedagógica ter intencionalidades claras relacionadas aos Campos de Experiência, no cotidiano o trabalho ocorre de forma a proporcionar uma experiência integradora, com os educadores e crianças promovendo momentos ricos de investigação, brincadeiras, partilha e estratégias diversas.

Neste segmento, a estratégia prioritária para fomentar a curiosidade e o espírito investigativo nos pequenos e propiciar a construção de conhecimento são os projetos de pesquisa. Atentas às demonstrações espontâneas de curiosidade das crianças, despertadas por fenômenos que percebem no próprio ambiente ou trazem de casa, os professores as instigam a buscar informações e explicações, assim estruturando projetos de pesquisa coletivos que se alinham aos interesses e empolgam as crianças.

Este segmento se estrutura em três ciclos organizados por aproximação de idades, como descrito na Seção 9 – Ciclos: Estratégia de Organização do Tempo Escolar. Cada ciclo possui um amplo ambiente equipado conforme as necessidades da faixa etária, onde as crianças são acompanhadas por professores e auxiliares pedagógicos.

17.1 INFANTIL 1 (2 a 3-4 anos)

De acordo com as abordagens construtivistas, as crianças de 2 e 3 anos estão na fase do desenvolvimento sensorial, ou seja, conhecem o mundo pela exploração de materiais, objetos, sensações, afetos e aprendem por imitação, ainda que cada sujeito tenha sua própria maneira de apropriar-se da realidade. Na etapa inicial da primeira infância, a criança é egocêntrica, o que quer dizer que ela compreende o mundo a partir de seu próprio ponto de vista por não conseguir, ainda, entender a separação / diferenciação entre ela e o meio. A emoção, segundo Wallon, é o ponto de partida do psiquismo, da consciência e da vida social, uma vez que é por meio dela que vão-se estabelecer as primeiras trocas da criança com o mundo, e posteriormente, a diferenciação eu - outro.

Daí que o trabalho pedagógico com crianças tão pequenas é muito delicado, pois elas ainda não compreendem normas e regras e são regidas pela emoção e pela vontade. As crianças deste ciclo desejam experimentar, explorar, “engolir” o mundo e os outros. Seus “radares sensoriais” estão lendo todos os aspectos da realidade que as cerca: sentimentos, características humanas e espaciais, formas de atuação do adulto, ritmos das rotinas, etc. Sendo assim, os educadores dos pequenos estão sempre atentos ao modo como se dirigem às crianças e às formas de conduzi-las durante suas experiências. Compreendem que as crianças, por ainda não reconhecerem os desejos do outro, devem ser conduzidas amorosamente pelos caminhos da interação social, dos aprendizados e da internalização de hábitos e valores.

A organização da rotina é pautada pela valorização das expressões individuais sem perder de

vista a harmonização do grupo. É muito importante que as atividades propostas, dentro e fora do salão, respeitem os momentos de espontaneidade individual e os momentos comuns, semi orientados. As atividades são planejadas (mas sem rigidez) e levam sempre em consideração que a criança, nessa fase, precisa explorar o meio e os materiais com espontaneidade, valorizando ações que fomentem a imaginação, a exploração sensorial, a livre expressão, a interação social, o afeto e o desenvolvimento da autonomia.

A rotina é composta por períodos nos quais não devem faltar pequenos deveres distribuídos entre os alunos. O dia é dividido harmonicamente, sem interrupções bruscas de uma atividade para outra, pois a fluidez entre as propostas leva a criança a perceber o início e o fim de sua experiência ou brincadeira, e permite-lhe tempo para elaborar suas vivências. Os momentos de roda, de higiene e de alimentação são compreendidos como grandes oportunidades de contato dos educadores com seus alunos, de internalização de bons hábitos e de incentivo ao desenvolvimento de pequenas autonomias. É notório que grande parte da rotina diária envolve as atividades de cuidado; por isso elas devem ser consideradas como parte essencial da proposta. Cuidar e educar são ações intimamente relacionadas e não devemos considerá-las menos importantes ou menos produtivas.

A interação entre as idades é outro ponto importante do desenvolvimento do trabalho. Demandas diferentes são atendidas pela realização de subdivisões do grupo para darmos atenção às necessidades de cada criança. Os alunos mais autônomos podem e devem ter responsabilidades e contribuições mais desafiadoras como, por exemplo, auxiliar na preparação das mesas para o lanche, organizar os brinquedos, auxiliar os pequenos em alguma atividade ou resolução de conflitos.

As rodas de histórias e os momentos de música, canto e dança acontecem diariamente, artes plásticas, musicalização e outras atividades culturais favorecem a expressão individual e a aproximação das crianças da esfera sociocultural, que pode ser bastante desafiadora. Tais atividades têm o objetivo de trazer para o grupo vivências que favoreçam o enriquecimento da expressão infantil, o desenvolvimento da motricidade ampla e a aproximação gradativa ao pensamento investigativo. Neste ciclo as crianças são ativas e ao seu modo próprio de perceber a vida desenvolvem as múltiplas linguagens produzindo a cultura da infância.

17.2 INFANTIL 2 (4 a 5-6 anos)

O segundo ciclo do infantil coincide com uma nova fase no desenvolvimento das crianças. Aos 4 e 5 anos elas estão se abrindo para experiências partilhadas com os colegas e com o mundo. O esquema corporal está mais organizado, a linguagem está mais elaborada e o pensamento, apesar de ser ainda egocêntrico, evolui gradativamente possibilitando que os alunos ampliem suas investigações afetivas e culturais. A criança começa a reconhecer o outro como sujeito de saberes e de desejos e passa a perceber que existem normas de convivência que devem ser respeitadas. Contudo, seu pensamento egocêntrico ainda dominante torna complicado

compreender o outro em sua alteridade, de forma que conflitos provocados por diferenças de interesses ou por frustrações relacionais permanecem frequentes.

A conquista do pensamento simbólico é alcançada nesta etapa de desenvolvimento por meio das brincadeiras de faz de conta, das imitações das manifestações socioculturais e das investigações sobre as relações e sobre o mundo, que levam a criança a descentrar seu pensamento e interagir de forma mais autônoma com o meio. Os professores deste ciclo têm como função oferecer suporte para que as crianças reflitam sobre suas ações, valorizando o ponto de vista do outro, e encontrem estratégias pessoais para a resolução de conflitos ou problemas do cotidiano, além de oferecer recursos materiais e afetivos para que avancem em suas investigações. Gradativamente, a criança passa a dividir seu conhecimento de mundo, estabelecendo relações de partilha e de solidariedade, criando um ambiente mais democrático e harmonioso com seu grupo de convivência, internalizando a percepção do meio como “eu mais o outro”.

Nesse ciclo, os alunos têm participação ativa no estabelecimento da rotina e já desenvolvem as atividades com maior autonomia. No início do período, realiza-se uma Roda de Conversa, quando o plano do dia é elaborado coletivamente. As crianças são convidadas a ouvir a opinião dos colegas e a definir as atividades que comporão a rotina. Os professores têm a função de orientar o grupo, favorecendo a harmonização das relações e o exercício da escuta e da expressão oral. Ainda que flexível, a rotina diária deve assegurar que o grupo perceba o passar do tempo pelo encadeamento das propostas. Diariamente, acontece a Roda de Histórias, importante momento de contato do grupo com a literatura, fonte de aproximação com a linguagem escrita, de estímulo à imaginação e, principalmente, de enriquecimento do universo simbólico, que oferecerá recursos internos para a criança enfrentar os desafios de ser no mundo.

Nesta fase de desenvolvimento, as crianças já demonstram interesse pela escrita: procuram seus nomes nos suportes pedagógicos, desvendam palavras em rótulos, simulam escrever em seus registros. Tais atitudes indicam que elas já percebem ser esse um importante meio de expressão humana e são capazes de elaborar uma série de hipóteses provisórias. As professoras têm a função de apoiar os alunos em suas investigações e, respeitando seu ritmo individual, propiciar a ampliação das suas capacidades de comunicação e expressão oral – o escutar e o falar –, portas de acesso ao mundo letrado.

O desenvolvimento do raciocínio lógico e das pesquisas é fomentado por meio de atividades práticas que envolvem a troca de conhecimento entre alunos e adultos. As atividades propostas envolvem jogos matemáticos, brincadeiras de regras, pesquisas de acordo com o interesse do grupo, etc. As brincadeiras simbólicas e as de regras são muito estimuladas por oferecerem grandes oportunidades para a criança elaborar e expressar sua compreensão de mundo, suas inquietações e angústias e, também, de encontrar estratégias para a resolução de problemas. Os professores participam ativamente das brincadeiras, e não apenas como adultos que analisam, de fora, as práticas infantis.

As artes plásticas, musicalização e outras atividades culturais favorecem a expressão individual e a aproximação das crianças com o mundo sociocultural, que pode ser bastante desafiador. Tais atividades têm o objetivo de trazer para o grupo vivências que favoreçam o desenvolvimento da expressão e da motricidade ampla e fina, e a evolução gradativa do pensamento investigativo.

18. O ENSINO FUNDAMENTAL

Entre o nível atual de desenvolvimento, dado pela capacidade de resolver independentemente um problema, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da resolução de um problema sob a orientação de um adulto ou em colaboração com outro companheiro mais capaz, há um espaço. É o espaço entre o que a criança já sabe e o que ela pode vir a saber.

Lev Vigotsky

O Ensino Fundamental, segunda etapa da educação básica brasileira, dirige-se às crianças e adolescentes de 6 aos 14 anos de idade, tendo, portanto, duração de 9 anos. Como a própria terminologia sugere, essa é uma etapa imprescindível e essencial, além de obrigatória. Em seu artigo 32, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (Lei 9394/96) deixa claros os objetivos do Ensino Fundamental:

O ensino fundamental obrigatório, com duração de 9 (nove) anos, gratuito na escola pública, iniciando-se aos 6 (seis) anos de idade, terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante:

I - o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;

II - a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;

III - o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;

IV - o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social.

O Ensino Fundamental coloca-se, então, como o nível de ensino que cria as bases para o desenvolvimento humano em todas as suas dimensões, tratando as crianças com suas necessidades específicas e tratando adolescentes com suas aspirações, vontades, dúvidas e toda a complexidade dessa fase da vida, como deve ser. Traduzindo o espírito da referida lei e da proposta pedagógica da Escola, o Ensino fundamental busca a formação de leitores, escritores, pesquisadores, de pessoas com capacidade para aprender continuamente, detentoras de valores e atitudes que contribuam com o bem estar da sociedade, que saibam se

situar no mundo, compreendendo as relações sociais e políticas, respeitando as pessoas e o meio ambiente.

A Escola da Serra estruturou os 9 anos do Ensino Fundamental em 5 ciclos de formação, cada um com duração média de 2 anos (com exceção do Ciclo de Transição), rompendo com a tradicional organização seriada, conforme detalhado na Seção 9 – Ciclos: Estratégia de Organização do Tempo Escolar. O currículo dos anos iniciais do Ensino Fundamental é organizado nas seis áreas de conhecimento já descritas. Com foco em ações interdisciplinares, Ciências da Natureza constitui um único componente curricular, integrando organicamente as disciplinas da área; o mesmo ocorre em Ciências Humanas e Sociais. ‘Corpo e Mente’ também funciona como disciplina única, integrando os conteúdos de Educação Física e os da Prática Corporal de cada ciclo (1º e 2º = Capoeira; 3º = Jiu-Jitsu).

Os componentes obrigatórios de Educação Ambiental; História e Cultura Afro-brasileiras; Estatuto da Criança e do Adolescente; Direitos Humanos; Cinema de Produção Nacional encontram-se integrados aos conteúdos das diversas áreas e são tratados como temas transversais.

18.1 - TRANSIÇÃO (6 anos)

O acolhimento afetivo, social e pedagógico das crianças que vêm da Educação Infantil é valorizado, razão pela qual considera-se o primeiro ano como um período de adaptação ao novo segmento. Coerentemente, esses alunos são organizados em uma turma própria denominada **Transição**. Nesse espaço, os alunos passarão por um processo gradual de “aculturação”, realizando uma aproximação gradativa ao conhecimento sistematizado e desenvolvendo prontidão para trabalhos em ambiente coletivo, enfatizando-se a formação de hábitos de convivência, a organização e a consciência do papel de estudante. A critério dos educadores, esse espaço poderá também receber, temporariamente, alunos novatos do 1º Ciclo que possam se beneficiar do processo de adaptação, assim como algum aluno cujas atitudes demonstrem ainda pouca consciência do seu papel na manutenção de um adequado ambiente no salão.

18.1 - 1º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL (7 e 8 anos)

No salão maior, ficam os demais alunos, já adaptados ao trabalho em ambiente coletivo e com o sentimento de pertencimento mais desenvolvido. Em ambos os espaços, os alunos são orientados por professores regentes¹⁵ e auxiliares pedagógicos nas diversas estratégias de aprendizagem utilizadas, que incluem projetos interdisciplinares, pesquisas, jogos, excursões etc.

Para aprender a ler e escrever, a criança tem de lidar com dois processos de aprendizagem

¹⁵ Professores generalistas com formação em pedagogia.

paralelos: o de alfabetização, que gera a compreensão do que é, para que serve e como funciona a articulação entre letras, sílabas, palavras e frases, que compõem uma rede infindável de significados; e o letramento, que a levará a perceber o que a escrita representa e as características culturais da linguagem que se usa para escrever – ou seja, compreender a função social da língua escrita. É por meio do contato com textos diversos e com as práticas de escrita – o que, em nossa sociedade, ocorre desde os primeiros meses de vida – que as crianças descobrem o aspecto funcional da comunicação escrita e desenvolvem interesse e curiosidade por ela. E é a intensificação desse contato por meio de exercícios diversos como leitura em voz alta e interpretação de textos, que as levará a desenvolver essa habilidade e utilizá-la de forma cada vez mais autônoma.

...Desenhar não é reproduzir o que se vê, mas sim o que se sabe. Se este princípio é verdadeiro para o desenho, com mais razão o é para a escrita. Escrever não é transformar o que se ouve em formas gráficas, assim como ler também não equivale a reproduzir com a boca o que o olho reconhece visualmente. A tão famosa correspondência fonema-grafema deixa de ser simples quando se passa a analisar a complexidade do sistema alfabético. Não é surpreendente, portanto, que sua aprendizagem suponha um grande esforço por parte das crianças, além de um grande período de tempo e muitas dificuldades.

Emília Ferreira

Mas não é apenas a alfabetização e o letramento que são trabalhados neste ciclo. Aqui, o processo de pesquisa se torna mais sistematizado, sendo a ciência trabalhada de forma integrada, ainda sem divisões por áreas de conhecimento. E é também neste ciclo que são plantadas as bases do raciocínio lógico matemático, consolidando-se a compreensão da função social dos números, o que exige um trabalho cuidadoso de organização das estratégias de construção desse conhecimento.

Arte é oferecida em quatro modalidades – Plásticas, Teatro, Dança, Música –, dentre as quais os alunos frequentam duas a cada ano, de forma que passem por todas ao longo do ciclo. O horário semanal de Educação Física e o de Práticas Corporais – no caso, a Capoeira –, visa proporcionar o desenvolvimento da motricidade, da expressão corporal, da harmonia com o outro, da sociabilidade, do autocontrole, da disciplina e da autodisciplina.

18.2 - 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL (8 e 10 anos)

Nesse ciclo, os estudantes já estão adaptados ao trabalho em ambiente coletivo e com o sentimento de pertencimento mais desenvolvido. Organizados em mesas coletivas para 4 pessoas, os alunos vão ganhando autonomia e entendendo que eles são os grandes protagonistas no processo de aprendizagem. São orientados pelos educadores presentes que acompanham e contribuem com todo o processo de aprendizagem, propondo diversas estratégias pedagógicas como jogos, roteiros de pesquisa interdisciplinares, excursões, etc.

Conforme vão demonstrando autonomia, os alunos passam a negociar individualmente com os professores de cada área de conhecimento os roteiros de pesquisa a estudar, podendo propor um conteúdo de seu especial interesse no momento dentre aqueles constantes do currículo do ciclo. A palavra final, naturalmente, é do professor, que também estabelece um prazo – variável de aluno para aluno – para que aquele conteúdo esteja aprendido.

O grau de direcionamento e a frequência de intervenções do professor ao longo do processo de aprendizagem varia conforme o nível de autonomia do aluno, como visto na Seção 14.2 – A Autonomia como Princípio, Meio e Fim da Ação Pedagógica. Em qualquer caso, o aluno deve assumir o protagonismo de sua aprendizagem, podendo levantar-se para pegar livros e outros materiais de referência ou acessar a internet sem necessidade de pedir permissão. Precisando de auxílio, ele, primeiro, recorrerá a seus colegas de mesa; isso não sendo suficiente, sinaliza que necessita da ajuda de um dos professores presentes. Os alunos poderão também ser organizados em grupos de estudo temáticos de acordo com os seus interesses e/ou habilidades específicas. Tais agrupamentos são orientados por um educador mediador que acompanhará e contribuirá ao longo de todo o processo de aprendizagem.

O momento de tutoria é aproveitado para orientar os estudantes nas suas necessidades específicas, especialmente na área de planejamento, organização e metacognição. É também através das tutorias, que são apresentados ao RDA - conforme já apresentado na seção 16: Avaliação e registro de desenvolvimento do aluno – o RDA.

É nesse ciclo também que vão se apropriar de forma sistemática das 6 etapas do processo de aprendizagem (descritas na seção 14.3: Processo de aprendizagem: seis etapas para uma vivência significativa) e ter contato com seus primeiros roteiros de estudo, que serão realizados com total suporte e acompanhamento dos professores.

Arte é oferecida em quatro modalidades – Plásticas, Teatro, Dança, Música –, dentre as quais os alunos frequentam duas a cada ano, de forma que passem por todas ao longo do ciclo. O horário semanal de Educação Física e o de Práticas Corporais – no caso, a Capoeira –, visa proporcionar o desenvolvimento da motricidade, da expressão corporal, da harmonia com o outro, da sociabilidade, do autocontrole, da disciplina e da autodisciplina.

18.3 – 3º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL (11 e 12 anos)

Nesta fase do Ensino Fundamental, as atividades escolares ocorrem preponderantemente no turno da manhã, porém, duas vezes na semana, estendem-se pelo período da tarde, de 13h30min às 15h30min.

Neste ciclo, todos os professores são especialistas. Introduce-se o estudo sistemático de Inglês; a Prática Corporal é o Jiu-Jitsu. Em Arte, optamos por uma única modalidade a cada ano, com carga horária duplicada de forma a viabilizar maior aprofundamento e fruição.

18.4 – 4º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL (13 e 14 anos)

Nesta fase final do Ensino Fundamental, as atividades escolares ocorrem preponderantemente no turno da manhã, porém, duas vezes na semana, estendem-se pelo período da tarde, de 13h40min às 15h40min de forma a atender à carga horária de 960 horas anuais.

Neste ciclo, todos os professores são especialistas. Amplia-se a abrangência da área Ciências Humanas e Sociais com os conteúdos Filosofia e Sociologia, e Ciências Naturais incorpora conteúdos de Física e Química. Introduce-se o estudo sistemático de Inglês; a Prática Corporal é a Yoga, visando favorecer o autoconhecimento e o exercício da introspecção. Em Arte, os alunos optam por uma única modalidade a cada ano, com carga horária duplicada de forma a viabilizar maior aprofundamento e fruição. O conteúdo Ética e Convivência é abordado transversalmente pelos professores, tutores e Orientador Educacional, em atividades que abrem espaço para a discussão de dúvidas, curiosidades e inseguranças dos alunos relacionadas, principalmente, à construção das relações sociais, ao despertar da sexualidade e a “Prevenção do Uso de Drogas”.

19. O EXERCÍCIO DA AUTORIDADE

Não se constrói a disciplina através de determinadas medidas ‘disciplinares’, mas através de todo um sistema educativo, de toda a situação de vida, de todas as influências circundantes que afetam as crianças. Não se deve compreender a disciplina como causa, nem método ou procedimento de educação correta, mas como seu resultado.

A.S. Makarenko

O sonho de qualquer educador é trabalhar com jovens que tenham desenvolvido autonomia. Entretanto, como vimos na Seção 14.2 – A Autonomia como Princípio, Meio e Fim da Ação Pedagógica, autonomia não é algo que aparece espontaneamente em um determinado ponto do desenvolvimento da personalidade. Para Piaget, uma relação de heteronomia necessariamente precede a construção da autonomia. Ou seja: primeiro é preciso que o outro diga à criança e ao jovem o que fazer e como fazer, que exija atitudes e ações adequadas. Ao agir em obediência ao outro, o sujeito percebe-se capaz daquele tipo de responsabilidade, desenvolvendo seu potencial para, em ocasião futura, tomar a iniciativa independentemente do comando externo – ou seja, com autonomia.

Fica claro, portanto, que a criança e o jovem têm necessidade, em níveis, momentos e contextos diversos, de que o outro exija desempenho, que estabeleça limites claros, que exerça autoridade sobre ele. Limites claros contribuem para a tranquilidade da criança e do jovem, servindo para a interiorização da noção de autoridade e para a construção de alternativas saudáveis de convivência social. Os limites a que nos referimos, entretanto, pressupõem o diálogo franco, a escuta atenta, a busca de compreensão de motivações, o respeito mútuo, o exercício da autoridade de maneira firme e justa, sem autoritarismo nem histeria. É preciso ser carinhoso, delicado... e firme! Na maior parte das vezes, a própria criança ou o jovem tem

condição de mudar uma atitude inadequada voluntariamente, desde que se mostre a ela, de forma respeitosa, o comportamento inadequado e as consequências indesejáveis dele.

Quando os limites não são colocados de forma clara, a criança e o jovem passam a experimentar, a testar, buscando as referências de que necessitam, mas não sabem onde encontrar. O educador não pode, portanto, se omitir desse papel regulador do comportamento do jovem. O grande desafio é desempenhá-lo de forma legítima, preservando o diálogo e a participação e tendo sempre em vista a construção de um ambiente em que o exercício da liberdade seja balizado pela valorização e respeito ao outro e à coletividade, pela solidariedade e participação responsável. Os alunos são corresponsáveis pela manutenção de um ambiente adequado à aprendizagem, portanto é essencial que tenham a oportunidade de participar da construção de regras de convivência e de garantia do processo de aprendizagem.

Para que o educador tenha a necessária tranquilidade com relação ao exercício da autoridade, precisará entender que essa nada mais é que a contrapartida legítima e necessária de uma responsabilidade assumida: quanto maior a responsabilidade, maior deverá ser o nível de autoridade. Se o porteiro tem a responsabilidade de controlar a entrada e saída de alunos na Escola, ele só conseguirá cumprir efetivamente essa responsabilidade sentindo-se no direito de exercer autoridade. O diretor da escola tem o mais alto nível de responsabilidade, portanto, a maior autoridade. O professor, por ter a enorme responsabilidade de conduzir o processo educativo de seus alunos e levá-los a desenvolver competências como pessoa e cidadão, tem não apenas o direito, mas o dever de exercer um nível de autoridade necessário para que o ambiente e as relações sejam propícios à aprendizagem. Esse será, necessariamente, um ambiente em que a democracia não seja confundida com democratismo, anomia ou relaxamento.

Esse ambiente será construído pela *forma, consistência e constância* com que o aluno for cobrado em suas atitudes e comportamentos. É o professor quem sinaliza para os alunos possibilidades e impossibilidades, portanto, não pode omitir-se nunca nem fingir que não viu ou não ouviu algo inadequado. Jamais pode ameaçar fazer isso e aquilo e, depois, não tomar nenhuma atitude. Tampouco nada adianta ser exigente hoje e leniente amanhã: a constância é fundamental para que o aluno internalize hábitos, atitudes e condutas. E não se pode esperar que um aprendizado ocorra a partir de uma única intervenção: cabe ao educador apontar, cobrar, insistir, perseverar e jamais abrir mão do seu papel de educador, assim contribuindo para que os alunos construam valores coerentes com os abraçados pela Escola, aprendam a ser respeitosos consigo mesmos, com o outro e com o meio, e se tornem comprometidos, independentes e autônomos. A conquista do afeto do aluno poderá vir como consequência do profissionalismo e da coerência do educador, mas não deverá ser seu objetivo primeiro. Seu propósito é educar, e nesse processo, muitas vezes será necessário contrapor-se ao desejo imediato do aluno.

Ao orientar ou corrigir um aluno, o educador deve, primeiro, escutá-lo. Escutar *mesmo*, serenamente, sem prejulgamento, desconfiança, crítica, rótulo ou disputa, reconhecendo sua parcela de razão. Jamais pode um aluno ser tratado com desconsideração ou desrespeito, ser

objeto de ironia ou deboche, nem ser exposto perante outros. A relação de confiança e o respeito mútuo devem ser sempre valorizados e preservados. Se forem eventualmente abalados, o educador deve manter a porta aberta para o seu restabelecimento através da mudança de comportamento do aluno.

Pedir e ponderar, demonstrar confiança na capacidade do aluno de mudar, de superar suas dificuldades, encorajá-lo são atitudes que, normalmente, geram melhores resultados que esbravejar e ordenar. Por vezes, entretanto, torna-se necessária a aplicação de sanções quando da ocorrência de um comportamento inadequado. Essas, entretanto, sempre devem ser “sanções por reciprocidade”, segundo descrito por Piaget, ou seja, aquelas caracterizadas por um mínimo de coerção e possuindo uma relação natural ou lógica com o ato que deu origem à sanção (p.ex., reparar o que estragou ou sujou). Se o aluno for levado a reconhecer o erro, a repará-lo e a aprender com ele, sua falha terá tido um desfecho positivo. Essa deve ser a meta do educador: incentivar o aluno a crescer pela superação do erro, jamais humilhá-lo ou invalidá-lo.

Sempre que for o caso, o educador deve chamar a atenção do aluno para três aspectos importantes: primeiro, a **consciência do outro**: atitudes inapropriadas frequentemente advêm do autocentrismo, de uma postura inteiramente voltada para si em prejuízo da percepção dos direitos e necessidades do outro, que naturalmente limitam o desejo próprio; segundo, o **contexto**: uma atitude raramente pode ser definida como inapropriada em si, pois é o contexto que normalmente determina a percepção de adequação ou inadequação, por exemplo: poderá causar incômodo o uso, em uma cerimônia formal, de uma roupa perfeitamente adequada para um clube. Terceiro, a **internalidade**: enquanto o aluno mantiver a tendência de responsabilizar o outro por suas frustrações e problemas, não aprenderá nem evoluirá. É preciso que compreenda que é ele quem constrói seu destino, que sua vida está em suas mãos; que ele é livre para agir como queira, mas deve saber que cada escolha traz consequências, e é ele próprio o responsável pelas decisões que toma.

As questões disciplinares serão abordadas de acordo com os critérios amplamente descritos no Título X – Do Regime Disciplinar – do nosso Regimento Escolar.

20. O COTIDIANO ESCOLAR

Planejamento de longo prazo não lida com decisões futuras, mas com um futuro de decisões presentes.

Peter Drucker

Somos uma escola viva, sempre em meio a uma travessia. Olhamos para trás e vemos um longo percurso trilhado, inúmeros obstáculos superados; olhamos para frente e vemos um caminho sem fim a percorrer, cheio de novos desafios a superar. Nessa trajetória, convivemos com crianças e jovens dos mais variados meios, cada qual trazendo sua bagagem pessoal, sua história, seus costumes familiares, suas limitações e potencialidades. Evidentemente, não é pelo simples fato de um aluno passar a frequentar esta escola, e sim de forma processual, que

ocorre a internalização dos valores e aprendizagens que constituem nossa proposta pedagógica. Não há mágica.

Nesse processo de descoberta de novas formas de ser, conviver, conhecer e fazer, cada detalhe exerce sua influência e reflete os propósitos formativos da instituição: a organização do ambiente, as relações, as estratégias adotadas, os eventos, as rotinas, as normas vigentes.

Descrevemos abaixo uma previsão do que almejamos instituir para o ano de 2025, com base na experiência dos nossos quatro primeiros anos de funcionamento. Contudo, tendo a premissa da escola como entidade viva, faremos toda e qualquer adaptação que julgarmos necessárias ao longo do ano para melhor atender nossos alunos e suas famílias, levando em conta as particularidades do nosso cenário, sempre respeitando a legislação em todos os seus níveis: municipal, estadual e nacional.

20.1 – Horários e permanência: As atividades da Educação Infantil acontecerão no período da tarde, com entrada às 13h00 e saída às 17h30.

Os dois primeiros ciclos do Ensino Fundamental também acontecerão no período da tarde. Já os o terceiro ciclo, terá suas atividades majoritariamente no período da manhã com a carga horária complementada duas vezes na semana no período da tarde:

- Ensino Fundamental (1º e 2º Ciclos) – entrada 13h30 e saída 18h00
- Ensino Fundamental (3º Ciclo) – entrada 08h00 e saída 12h30; carga complementar 2 vezes na semana de 13:30 às 15:30

Em caráter eventual, qualquer aluno tem o direito de estar na Escola *no contraturno*, desde que para estudo ou participação em atividades escolares previamente informadas à Coordenação. Nenhum aluno poderá estar na Escola após iniciado o turno de atividades sem estar engajado em alguma atividade escolar.

Caso algum aluno tenha necessidade recorrente de *permanecer na Escola fora do seu horário normal* de atividades, isso deverá ser negociado detalhadamente com o Diretor Pedagógico e gerará custos adicionais para a família.

20.2 – Ausências, controle de frequência e saídas antecipadas: estando um aluno, da Educação Infantil ou do Ensino Fundamental, impossibilitado de comparecer à Escola, recomendamos que os responsáveis informem a Secretaria ou Coordenação antecipadamente. No caso de um aluno precisar sair da escola durante o horário de atividades, os responsáveis deverão informar essa necessidade com antecedência e, na hora marcada, aguardar pelo aluno na recepção. Na decorrência de três ausências consecutivas não comunicadas, a Escola fará contato com a família por telefone. Caso algum aluno alcance 30% (trinta por cento) do limite legal de faltas – que é de 1/4 da carga horária anual – a Escola da Serra informará o fato ao Conselho Tutelar, conforme determina a legislação. Se for superado o limite legal de faltas, o aluno será automaticamente retido no ciclo por mais um ano.

20.3 – Pais separados: a liberação de filhos de pais e mães separados será feita somente ao pai ou à mãe que detém a guarda (ou a pessoa por ele(a) indicada). Havendo acordo de convivência alternada dos filhos com os pais, a entrega dos filhos de um para outro deverá ser feita sem o envolvimento da Escola.

20.4 – Material escolar e uniforme: todo o material e vestuário específico exigido pela Escola deve estar de posse do aluno no prazo máximo de 15 dias após o primeiro dia de frequência.

O uniforme padrão da Escola é de uso opcional no dia a dia, mas *em atividades externas à Escola, o uso deste ou do uniforme de Educação Física é obrigatório como forma de facilitar a identificação dos alunos.*

Pelo menos até o fim do 2º ciclo do Ensino Fundamental, a família deve garantir, diariamente, que o aluno organize seu material antes de sair de casa. Ao final das atividades escolares, cabe ao professor prestar essa orientação. Todo o material individual (inclusive agasalhos e vasilhames) deve ter identificação.

20.5 – Componentes Curriculares Especializados: na Educação Infantil, no 1º e 2º ciclos do Ensino Fundamental, os professores regentes são responsáveis pelas áreas de linguagem, matemática e ciências. Outros professores ministram aulas especializadas, componentes curriculares obrigatórios imprescindíveis para a realização deste projeto pedagógico. Todos trabalham realizando planejamentos conjuntos e buscando ações interdisciplinares.

20.6 – Tarefas Escolares: as atividades escolares só terão sentido se o aluno compreender sua importância para seu processo de aprendizagem e sua evolução pessoal. Com esse entendimento, quanto mais dedicação coloque na feitura do trabalho, maior benefício produzirá para si mesmo. Ajudar os alunos a desenvolver essa compreensão deve ser foco permanente da família e dos educadores, exigindo qualidade, profundidade, capricho e pontualidade em sua entrega. Essas são aprendizagens de importância na vida de qualquer pessoa.

Ademais, a formação de bons hábitos de estudo requer constância e persistência. Cabe à família estabelecer um horário diário de estudo para seu filho, que deve ser cumprido rigorosamente.

20.7 – Eventos: dentre os diversos eventos proporcionados à comunidade escolar ao longo do período letivo, alguns são de caráter cultural, outros de enriquecimento curricular, e outros marcam o encerramento de projetos. Atividades realizadas em sábados letivos constantes do calendário escolar são de *presença obrigatória* para os alunos. São os seguintes os principais eventos e seus objetivos essenciais:

- *Curta a Escola:* primeiro evento sociocultural do ano, tem foco no empreendedorismo.
- *Festa da Cultura Popular Brasileira:* sempre com o substrato de “Festa Junina”, celebra as diversas manifestações da cultura brasileira, a cada ano com um tema eleito pela comunidade escolar;

- *Piquenique da Primavera*: conagração da Comunidade Escolar e celebração da Família;
- *Mostra Cultural*: exposição de trabalhos dos alunos de todos os Ciclos para toda a comunidade.

20.8 – Excursões: passeios e viagens promovidos pela Escola da Serra Pouso Alegre são atividades de enriquecimento curricular de participação obrigatória, mas dependentes de autorização do responsável. Oportunidades disponíveis em Pouso Alegre e região adjacente são priorizadas, porém sem excluir a possibilidade de excursões eventuais até mesmo para fora do estado. O aluno que, por algum motivo, não puder participar de um desses eventos desenvolverá o trabalho normal diário na Escola ou em casa (alunos dos anos finais do Ensino Fundamental).

Por segurança, o *uso do uniforme nesse tipo de atividade é compulsório*. Excursões que não tenham o número mínimo de participantes confirmado até a data limite serão canceladas.

20.9 – Datas comemorativas: as principais datas cívicas são alvo de contextualização no trabalho desenvolvido. Datas e eventos religiosos não são comemorados, como também não são o dia das mães e dos pais, uma vez que o Piquenique da Primavera é uma celebração da família. Comemora-se, informalmente, o Dia das Crianças, na Educação Infantil.

20.10 – Contato família-escola-família: o atendimento às famílias é feito pelo Tutor, que é o educador que detém as informações mais precisas sobre o aluno. Em casos específicos, o atendimento pode ser feito também pela Coordenação. Plantões de professores são organizados pelo menos uma vez por semestre, quando os educadores ficam disponíveis para atender os pais que queiram conversar diretamente com eles.

Se o assunto for corriqueiro, poderá ser resolvido por meio de mensagem pelo aplicativo ou telefonema. É responsabilidade da família manter atualizados os dados do aluno na Secretaria Escolar (endereço, telefone, e-mail), evitando lacunas de comunicação. Em caso de acidente, os primeiros socorros serão prestados pela escola que, se julgar necessário, entrará em contato com a família e/ou tomará outras medidas emergenciais.

Pais são encorajados a virem conhecer a escola em funcionamento, bastando comunicar sua intenção à Secretaria, que indicará um acompanhante. Por outro lado, não se permite a permanência de pais na Escola durante o horário letivo sem objetivos previamente acordados, como as visitas acima descritas, eventos ou reuniões pré-agendadas.

21. PLANO DE AUTOAVALIAÇÃO INSTITUCIONAL

Por ser um mecanismo de verificação contínua das condições estruturais e de funcionamento da escola para o aperfeiçoamento da qualidade de ensino oferecido pela Escola da Serra Pouso

Alegre, é crucial que a Autoavaliação Institucional seja realizada com a participação de representantes dos diferentes segmentos que compõem a comunidade escolar.

A Autoavaliação Institucional tem por finalidades:

I - promover, de forma sistemática e permanente, a avaliação da instituição educacional como um instrumento da melhoria da qualidade educativa;

II - desenvolver o autoconhecimento institucional;

III - corrigir rotas e aperfeiçoar as ações institucionais;

IV - articular a participação da comunidade escolar;

V - garantir o desenvolvimento sustentável da instituição educacional.

Na Escola da Serra Pouso Alegre, desde sua abertura em 2021, realizamos pesquisa de satisfação com as famílias abordando os seguintes aspectos:

- Qualidade de ensino;
- Qualidade dos profissionais;
- Qualidade das instalações;
- Qualidade dos materiais didáticos;
- Qualidade do atendimento e relacionamento com as famílias;

Além disso, recebemos visitas regulares de representantes da Rede Escolas da Serra para avaliação e orientação dos gestores e colaboradores tanto no setor pedagógico quanto administrativo.

Regularmente, nos módulos, a equipe é convidada a refletir sobre a instituição como um todo, avaliando suporte pedagógico, estrutura, materiais, relacionamento entre pares e com as famílias, ou qualquer outro aspecto que venha

Estamos constantemente refletindo sobre nossas práticas e buscando novas ferramentas de avaliação. Os resultados do Plano de Autoavaliação Institucional serão compilados anualmente em julho, para que tenhamos tempo hábil de implementação das melhorias para o ano escolar seguinte.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Rubem: *A Escola com que Sempre Sonhei sem Imaginar que Pudesse Existir*. Campinas: Papyrus, 2001.

ARRIBAS, Teresa e colaboradores. *Educação Infantil: Desenvolvimento, currículo e organização escolar*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

BOSCHI, Mariana. *A Imagem da Criança como Princípio para uma Educação de Qualidade na*

- Primeira Infância*. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Pedagogia). Universidade de São Paulo, 2008.
- BRASIL. *Lei nº 7853 de 24/outubro de 1989 (Dispõe sobre o apoio às pessoas portadoras de deficiência)*
- BRASIL. *Lei nº 8069 de 13/07/1990 (ECA – Estatuto Da Criança e do Adolescente)*.
- BRASIL. *Lei nº 9394 de 20/12/1996 (LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional)*.
- BRASIL. *Decreto nº 3298 de 20/12/1999 (regulamenta a Lei nº 7853/89)*.
- BRASIL. *Decreto nº 7611, de 17/11/2011(Dispõe sobre a educação especial e o atendimento educacional especializado)*
- BRASIL. *Lei nº 12764, de 27/12/2012 (Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista)*
- BRASIL. *Lei nº 13.146, de 06/07/2015 (Estatuto da Pessoa com Deficiência)*
- BRASIL. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, MEC/SEF, 1998
- CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO. *Parecer Orientador nº1132/97, de 12/11/1997*.
- CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO. *Parecer Orientador nº 1158*.
- CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO. *Resolução nº 451/03, de 27/05/2003*.
- CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE BELO HORIZONTE. *Resolução nº 01/00, de 11/11/2000*.
- CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. *Parecer CNE/CEB nº 04/98, de 29/01/1998 – Propõe Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental*.
- CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. *Parecer CNE/CEB nº 15/98, de 01/06/1998 – Propõe Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio*.
- CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. *Parecer CNE/CEB nº 22/98, de 17/12/1998 – Propõe Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil*.
- CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. *Parecer CNE/CEB nº 04/00, de 16/02/2000 – Propõe Diretrizes Operacionais para a Educação Infantil*.
- CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. *Parecer CNE/CEB nº 17/01, de 03/07/2001 – Propõe Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica*.
- CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. *Parecer CNE/CEB nº 04/02, de 29/01/2002 – Responde à Procuradoria da República sobre educação inclusiva de pessoas portadoras de deficiência*.
- CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. *Parecer CNE/CP nº 03/04, de 10/03/04 – Propõe*

Diretrizes Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afrobrasileira e Africana.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. *Parecer CNE/CEB nº 11/04*, de 10/03/2004 – Propõe Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. *Parecer CNE/CEB nº 07/10*, de 07/04/2010 – Propõe Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica.

DELORS, Jacques. *Educação, um tesouro a descobrir: relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. 2ª ed. S. Paulo: Cortez; Brasília: MEC/Unesco, 1999.*

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FUNDAÇÃO AMAE PARA EDUCAÇÃO E CULTURA. Caderno AMAE. *Reflexões Construtivistas*. Nº2

HERNANDEZ, F. e VENTURA, M. *Transgressão e Mudança na Educação: os projetos de trabalho*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

INODEP (org.). *A mensagem de Paulo Freire; teoria e prática da libertação*. Porto: Biblioteca Nova Crítica, 1977.

KHAN, Salman. *Um mundo, uma escola: a educação reinventada*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013.

LA TAILLE, Yves de (org.). *Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo: Summus, 1992.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. *Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. *Professor da pré-escola*. Vols. I e II. Brasília: MEC/SEF/DPE/COEDI/Fundação Roberto Marinho, 1994.

MIRANDA, M.J.C. Educação, deficiência e inclusão no município de Maringá 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2001. Disponível em:
<http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2002/Educacao,_cidadania_e_interculturalidade/Trabalho/02_33_56_t877.pdf>. Acesso em 15/10/2022

OLIVEIRA, Sérgio Godinho. *A Nova Educação e Você – o que os novos caminhos da Educação Básica pós LDB têm a ver com educadores, pais, alunos e com a escola*. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

PERRENOUD, Phillippe. *Construir as Competências desde a Escola*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

PROCURADORIA FEDERAL DOS DIREITOS DO CIDADÃO. *O acesso de alunos com deficiência às escolas e classes comuns da rede regular*. 2ª Ed. Brasília: MPF, Fund. Procurador Pedro Jorge de Melo e Silva, 2004. Disponível em: www.prgo.mpf.gov.br/cartilha_acesso_deficientes.pdf

RIOS, Terezinha A. *Compreender e Ensinar. Por uma Docência de Melhor Qualidade*. 5ª Ed. São Paulo: Cortez, 2005.

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DE MINAS GERAIS. *Currículo Referência de Minas Gerais*. Belo Horizonte, 2018.

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DE MINAS GERAIS. *Orientação SD nº 01/2005 da Subsecretaria de Desenvolvimento da Educação*.

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DE MINAS GERAIS. *Os Ciclos de Formação Básica*. Belo Horizonte, 1998a.

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DE MINAS GERAIS. Filocre, João; Takamatsu, Cleusa Tiekó; Mata Machado. Arminda Rosa. *A questão da avaliação nos ciclos de Formação Básica*. Belo Horizonte, 1998b.

UNICEF. *Declaração Mundial sobre Educação para Todos e Plano de Ação para Satisfazer as Necessidades Básicas de Aprendizagem* (brochura). Brasília: Unicef, 1991.

_____ Coleção Memória da Pedagogia. *Jean Piaget: o aprendizado do mundo*. Nº1. São Paulo, 2005.

SEE/MG Secretaria do Estado de Educação de Minas Gerais Comissão Estadual para Implementação da Base Nacional Comum Curricular - Currículo Referência de Minas Gerais.

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394/ 1996, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União. Brasília, DF, 23 dez. 1996.